

A Paleta de Cores na Sala de Aula: Misturas e Combinações

Patrícia Alexandra Furtado Barradas

Relatório

**de Estágio de Mestrado em Ensino do Português e das Línguas
Clássicas no 3º Ciclo e Ensino Secundário**

Setembro, 2011

Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português e das Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Leonor Santa Bárbara, Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Aos meus pais,

Ermelinda Furtado e Arlindo Barradas

AGRADECIMENTOS

Gostaria, primeiramente, de agradecer às minhas orientadoras da Escola Camilo Castelo Branco e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, respectivamente a Professora Maria da Conceição Carvalho e Professora Inês de Ornellas e Castro, que tanto contribuíram para a minha formação, com a sua experiência e sapiência, tanto em termos científicos como humanos.

Uma palavra de agradecimento à Professora Maria Graciete Silva e ao Professor Manuel Rodrigues pela disponibilidade e acompanhamento ao longo deste estágio.

Um agradecimento especial à minha orientadora de relatório, Professora Maria Leonor Santa Bárbara, pelos conselhos, acompanhamento e todo o auxílio prestado.

Gostaria, ainda, de agradecer a todos os funcionários e comunidade escolar de ambos os locais de estágio, pela cooperação e amabilidade com que acompanharam o meu desenvolvimento enquanto futura professora.

Estou igualmente grata às minhas colegas de estágio, nomeadamente Cátia Ramalhinho, Lisete Silva, Sara Costa, Natacha Sequeira e em especial à Etienne Machado, minha grande companheira, pelo apoio incondicional. Um agradecimento também ao meu sempre amigo e confidente David Rodrigues.

Por último, mas em primeiro lugar no meu coração, agradeço à minha família, todo o apoio e paciência demonstrados ao longo desta caminhada e às minhas fiéis amigas, Cláudia Fernandes, Maria João Antunes e Mariana Santos.

A todos, bem hajam

RESUMO

ABSTRACT

A PALETA DE CORES NA SALA DE AULA: MISTURAS E COMBINAÇÕES

PALETTE OF COLOURS IN THE CLASSROOM: MIXTURES AND COMBINATIONS

PATRÍCIA ALEXANDRA FURTADO BARRADAS

PALAVRAS-CHAVE: homogeneidade, heterogeneidade, estratégias, observação

KEYWORDS: homogeneity, heterogeneity, strategies, observation.

Este relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.) na Escola Secundária de Camilo Castelo Branco e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, ao longo do ano lectivo de 2010/2011. A descrição e reflexão crítica centram-se na observação de aulas e na prática lectiva referente ao 7º e 10º ano em Português e a alunos do 1º ano universitário, a Latim. O tema abordado – A Paleta de Cores na Sala de Aula – constitui um ponto de partida para esta reflexão crítica, embora sejam frisadas outras temáticas, nomeadamente a observação, avaliação e actividades desenvolvidas num contexto escolar e extra-escolar.

This report covers my Supervised Teaching Practice (STE) at Escola Secundária de Camilo Castelo Branco and Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, throughout 2010/2011 academic year. The description and critical reflection focuses on class observation and teaching practice to the Basic and Secondary year levels, namely the 7th and the 10th years and 1st in the university. The topic – Palette of Colours in the Classroom- is the starting point for this critical reflection, but other issues, namely the assessment and activities carried out within the school context, will also be comments.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I- As Escola cooperantes	2
I. 1. Escola Secundária de Camilo Castelo Branco	2
I. 1.1. O corpo discente	3
I. 1.2. O corpo docente	4
I. 1.3. Actividades e Projectos	4
I 2. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa	5
I 2.1. O lugar do Latim na Licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos	5
Capítulo II – O Estágio de Português	6
II. 1. E agora...na ESCCB	6
II.2. Reuniões	7
II. 3. Reflexão sobre as aulas assistidas	8
II.3.1 Professora M ^a da Conceição Vicente	8
II.3.2 Etienne Machado	10
II.4. A importância da planificação	10
II.5. Actividades didáctico-pedagógicas	11
II.5.1. Visitas de Estudo	11
II.5.1.2 Porto de Lisboa	12
II.5.1.3. Teatro - Auto da Barca do Inferno	12
II 5.1.4. Coimbra	13
II 5.1.5. Constância e Tomar	13
II 6. Actividades desenvolvidas na ESCCB	14
II 6.1. Vigésimo quinto aniversário da ESCCB	14
II 6.2. Escrita inter-geracional	15
II 6.3. Quadros de Honra e Excelência	15
II 6.4. Semana da Leitura	16
II 6.4.1 Palestra ministrada pela Professora Maria do Rosário Monteiro	17
II 6.5. Actividades do Plano Nacional de Leitura (P.N.L.)	17
II 7. Prática de Ensino Supervisionada	18
II 7.1. A Unidade Didáctica Arroz do Céu	18
II. 7.2. A Unidade didáctica sobre a poesia	25
II 7.3. Aula sobre o texto narrativo	29
II.7.4. Aula sobre a rádio	30

II.8. Elaboração e correcção dos Testes	30
Capítulo III - O estágio de Latim.....	31
III 1. Reunião antes do início do estágio.....	31
III.2. Reuniões ao longo da P.E.S.....	32
III.3. Materiais e Estratégias de Trabalho	32
III 4. Reflexão sobre as aulas dadas	33
III 5. Reflexão sobre as aulas assistidas	34
III 6. A avaliação	35
III 7. Actividades desenvolvidas	35
III 7.1. Poema da Semana	35
Capítulo IV-A Paleta de Cores.....	36
IV 1. Critérios para a constituição de turmas	36
IV 2. Turmas de Português	36
IV 2.1. 7º A	36
IV 2.2. 9º A	38
IV 2.3. 10º E - Turma Profissional de Informática	38
IV 2.4. Turma de Latim	39
IV 3. Homogeneidade VS Heterogeneidade	40
IV 3.1 Pontos fortes e Pontos fracos	41
IV 4. O papel do Professor	42
IV 5. Estratégias	43
IV 6. Constituição de grupos de trabalho	46
IV 7. A importância atribuída pelos alunos e professores à relevância do grupo turma na aprendizagem: questionários.....	47
Conclusão	49
Bibliografia	51
Anexos	
Anexo 1	i
Anexo 2.....	iv
Anexo 3.....	v
Anexo 4.....	vi
Anexo 5.....	vii
Anexo 6.....	viii

Anexo 7.....	ix
Anexo 8.....	x
Anexo 9.....	xii
Anexo 10.....	xiv
Anexo 11.....	xv
Anexo 12.....	xvi
Anexo 13.....	xviii
Anexo 14.....	xix
Anexo 15.....	xx
Anexo 16.....	xxi
Anexo 17.....	xxii
Anexo 18.....	xxviii
Anexo 19.....	xxxii
Anexo 20.....	xxxv
Anexo 21.....	xxxvi
Anexo 22.....	xxxviii
Anexo 23.....	xl
Anexo 24.....	xl ii
Anexo 25.....	xl v
Anexo 26.....	xl vii

Introdução

O presente relatório tem como objectivo descrever e reflectir sobre a Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.). O tema - A Paleta de Cores na Sala de Aula - foi definido de acordo com a reflexão que fiz durante o meu estágio. Contudo, não pretendo restringir-me somente à abordagem desta temática, pois há outras áreas de interesse decorrentes do estágio que merecem ser reflectidas, nomeadamente a avaliação e a observação.

Em primeiro lugar, faço uma caracterização da Escola onde estagiei – Escola Secundária de Camilo Castelo Branco e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Num segundo momento, apresento a minha experiência didáctica em ambas as disciplinas - Português e Latim. Em terceiro lugar, descrevo os fundamentos teóricos do meu trabalho, parte integrante da minha P.E.S., que inclui um questionário que tenciona saber a posição de professores e alunos quanto à turma e a sua influência na aprendizagem, pois estamos perante turmas cada vez mais heterogéneas e um dos desafios do professor é saber lidar com essa situação em sala de aula. Quanto mais cedo ele se consciencializar da diversidade na sua sala de aula, mais cedo poderá e deverá recorrer a propostas flexíveis e variadas para que todos os alunos, com diferentes saberes, possam lograr de um processo de aprendizagem variado e aliciante. Por isso, assim como um pintor tem a sua paleta com as diferentes cores, o professor tem a sua turma com as diferentes características e cabe-lhe fazer as misturas e combinações adequadas para obter um quadro harmonioso.

Pretendo ainda fazer uma descrição da maioria das actividades e projectos em que me envolvi ao longo do ano lectivo, com a intenção de descrever da forma mais completa possível tudo o que vivenciei e aprendi em ambos os estabelecimentos de ensino.

Por último, faço uma análise e reflexão crítica da Prática de Ensino Supervisionada, com uma perspectiva global do trabalho realizado.

Além de um objecto de reflexão, este relatório pretende ser um dos alicerces a que poderei recorrer no futuro, um objecto de reflexão e uma mais-valia no trabalho

com alunos díspares, pois como diz Savater “a aprendizagem é bidireccional, todos somos aprendentes”¹, professores e alunos.

Capítulo I- As Escola cooperantes

I. 1. Escola Secundária de Camilo Castelo Branco

O estágio de Português realizou-se na Escola Secundária de Camilo Castelo Branco (ESCCB), situada em Carnaxide, Concelho de Oeiras, sob a orientação da Professora Maria da Conceição Vicente Carvalho.

Devo confessar que, aquando do estágio, esta escola estava ainda muito presente na minha cabeça, na condição de ex-aluna, uma vez que foi lá que iniciei e concluí o Ensino Secundário. Não desfazendo o ditado “ O bom filho a casa torna”, sete anos depois regresso à escola onde tinha passado os melhores momentos da minha adolescência, mas agora numa outra perspectiva – a de professora estagiária. Uma mudança de perspectiva, sem dúvida interessante, mas que também requereu alguma capacidade de adaptação.

Carnaxide, que no século XVII possuía apenas cerca de duas dezenas de casas habitadas, graças às suas condições naturais privilegiadas, nomeadamente o ambiente saudável, a boa qualidade de ares, bons solos, abundância de água de qualidade e tranquilidade, exerceu uma importante atracção demográfica. Mais tarde, a partir da década de 60, os pomares de Carnaxide, assim como as terras de cultivo começaram a desaparecer gradualmente, dando lugar a construções destinadas a alojar a população que procurava residência na periferia de Lisboa. É graças a este crescimento da freguesia que surge a necessidade da criação de uma escola.

Inicialmente designada por Escola Secundária de Carnaxide, os seus funcionários, em conjunto com a comunidade escolar, decidem, em 1992, homenagear o escritor português do século XIX, Camilo Castelo Branco, que residiu na freguesia de Carnaxide, passando a designar-se por Escola Secundária de Camilo Castelo Branco. Foi, sem dúvida, um enriquecimento cultural. Em funcionamento há 25 anos, a ESCCB fornece um currículo muito diversificado do 7º ao 12º ano. Para jovens com idade igual

¹ Savater, Fernando in *O valor da educação*, 1997.

ou superior a 15 anos, em vias de abandono escolar, existem os cursos de Educação e Formação para Jovens, entre eles: Práticas Administrativas, Pintura e Decoração Cerâmica e Acção Educativa. Quanto ao Ensino Secundário é constituído pela área de Ciências e Tecnologia, Línguas e Humanidades, Ciências Socio-Económicas e Artes Visuais. Conta, ainda, com Cursos Profissionais de Informática de Gestão, Design Industrial, Marketing e Apoio à Infância, constituindo a escola um centro de Novas Oportunidades. Oferece, também, cursos de educação e formação de adultos de nível básico e secundário.

O complexo escolar é constituído por 5 pavilhões, composto por um rés-do-chão (em certos pavilhões, é onde existe o laboratório) e 1º andar, um pavilhão gimnodesportivo e um polivalente. Contém um campo de futebol sintético e uma vasta área de que os alunos podem usufruir nos intervalos. Contudo, encontra-se num estado de degradação devido à insuficiente manutenção e preservação dos mesmos. Por isso, a escola encontra-se em obras, para melhoria e modernização, sendo algumas aulas dadas em contentores. De referir que têm óptimas condições, equipados com retroprojector e ar-condicionado.

A ESCCB dispõe de um centro de cultura, ideal para a realização de actividades com os alunos, no mesmo espaço onde se encontra a biblioteca com um ambiente agradável, janelas grandes, o que permite uma boa entrada de luz, propício ao trabalho e à leitura, e um vasto e assertivo leque de obras que podem ser consultadas e requisitadas (mais de 8000). Disponibiliza também computadores com acesso à internet, DVD's (filmes e documentários), CD's de música, CD-ROM's com enciclopédias interactivas, etc.

I. 1.1. O corpo discente

A Escola Secundária de Camilo Castelo Branco é caracterizada por um público bastante heterogéneo, resultado da diversidade de contextos culturais, socioeconómicos e étnicos. Ao longo da década de 90, verificaram-se modificações sociológicas, resultado da implementação de vários bairros sociais que envolvem a freguesia, dando origem a fluxos migratórios e, consequentemente, a uma acentuada diferença a nível socioeconómico e cultural. Por isso, esta escola optou pela diversidade de ofertas educativas, tendo em conta as necessidades e expectativas dos

alunos, para que todos possam desenvolver as competências essenciais e estruturantes. Talvez isso justifique o vasto número de alunos. No presente ano lectivo, 2010/2011, esta escola abrangeu um total de 846 alunos distribuídos pelos diferentes níveis de ensino: 367 alunos no 3º ciclo e 479 no ensino secundário.

I 1.2. O corpo docente

A população docente da ESCCB é, na sua maioria, do sexo feminino (79,84%) e a média de idades ronda os 46 anos. A maior parte dos professores está em regime de efectividade (85,48%) e existe um enorme espírito de convivência e solidariedade. A escola desenvolve uma cultura colaborativa entre professores, promovendo a troca de experiências e reflexão partilhada na procura de soluções para os problemas que vão surgindo, que tanto pode ocorrer em contexto formal, em reuniões, ou informal, como na sala de professores. Tenho de salientar, ainda, a boa recepção e amabilidade de todos os professores, assim como dos funcionários, a mim e à minha colega, o que facilitou a nossa integração.

I 1.3. Actividades e Projectos

O Projecto Curricular (PCE) da ESCCB defende uma Escola pública e democrática, onde todos os seus intervenientes podem desfrutar das suas ofertas. Graças ao acompanhamento e avaliação contínua dos processos de aprendizagem, adequando as necessidades às características de cada aluno, torna-se possível que estes beneficiem de conhecimento e desenvolvam competências essenciais.

Deste modo, o PCE torna-se um documento de referência a nível de trabalho interno e externo, apresentando os compromissos da Escola. Contudo, as alterações da realidade educativa implicam que este projecto seja revisto anualmente, fazendo jus à sua adequação.

A ESCCB é apologista da inovação, demonstrando capacidade de mobilizar os meios indispensáveis para a concretização dos seus objectivos. Que o demonstre a parceria de Ensino com uma escola do Japão, da qual resultou o projecto *Nónio Séc. XXI - Malha Atlântica*. A escola é, ainda, sede do Centro de Formação *Formar para Educar*.

I 2. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

O estágio de Latim realizou-se na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, sob orientação da Professora Doutora Inês de Ornellas e Castro.

A dificuldade em encontrar uma escola secundária que leccionasse Latim (ou Grego), revelou-se, inicialmente, um obstáculo e provocou a sensação de que, sem este estágio, o mestrado estava incompleto, uma vez que este também abrange o ensino das línguas clássicas. Quando soubemos que o estágio de Latim estava em risco, procurámos, todas as mestrandas, de uma forma ou outra, fazer contactos com algumas escolas, procurar na internet, obter informações perto dos professores, etc. Na impossibilidade de darmos aulas no ensino secundário e termos uma turma regular de Latim, foram criadas outras soluções. No meu caso, fiz parte de um grupo de estagiárias que deu aulas na faculdade, Latim I e Latim II.

I 2.1. O lugar do Latim na Licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos

A Licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos, além de cadeiras de linguística, cultura e literatura, tem como disciplinas obrigatórias o Latim I e II e facultativas o Latim III e IV. A turma que acompanhei, no primeiro semestre de Latim I e no segundo de Latim II (devido à continuidade da disciplina), fazia parte do primeiro ano desta licenciatura, à excepção de um aluno, que era do curso de Ciências Políticas e fez esta cadeira como opção livre.

O programa de Latim I e II, da responsabilidade da Professora orientadora, visa ensinar sobretudo Língua, falando-se, quando pertinente, de cultura. Os principais objectivos são que os alunos assimilem, percebam e desenvolvam a competência receptiva em língua latina, de modo a facultar a leitura e compreensão de textos latinos (no Latim I com pouca dificuldade e no Latim II já com algum grau de complexidade), o aperfeiçoamento da expressão da língua materna, uma vez que o Português deriva do Latim, o confronto das estruturas morfo-sintácticas e lexicais do Latim e das línguas românicas, em particular do Português, de modo a apreender os principais mecanismos da evolução da língua-mãe para as línguas dela derivadas e

adquirir conhecimentos mínimos de cultura e literatura romanas que facultem a compreensão dos textos lidos

Capítulo II – O Estágio de Português

II. 1. E agora...na ESCCB

O primeiro contacto com a ESCCB, agora como Professora estagiária, e com a minha orientadora - Professora M^a da Conceição Vicente Carvalho - ocorreu no dia 6 de Setembro de 2010. O combinado foi às 14:30h na sala de Professores. Quando lá chegámos, eu e a minha colega de estágio, um bocado nervosas e expectantes, imediatamente nos deparámos com a nossa orientadora. Aquela simpatia e afabilidade logo me fez perceber que tudo haveria de correr bem, o nervosismo “miudinho”, como se por milagre, desaparecera. A Orientadora apresentou-nos a Escola, que para mim já tinha sido outrora familiar, e os funcionários, muitos ainda eram os mesmos do meu tempo de aluna, daí ser costume ouvir-se “a sua cara não me é estranha, já andou cá?”. Seguidamente, dirigimo-nos para a sala de estágio, aquele que seria um dos nossos locais de trabalho, para termos a nossa primeira reunião, orientadora e orientandas. Foi-nos facultado um calendário escolar e fomos informadas que existia uma turma do 7º ano e outra do 9º (esta última já havia sido da orientadora o ano transacto) e tivemos a liberdade e tempo para decidir com qual delas cada uma iria ficar. Falámos também sobre as planificações a longo, médio e a curto prazo, de acordo com os programas emanados pelo Ministério da Educação; foi frisada a necessidade de construirmos materiais próprios e originais (o que aconteceu ao longo de toda a nossa P.E.S.), da nossa participação nas reuniões; e nas tarefas de direcção de turma (a Orientadora é directora de turma do 9º ano). Ficou acordado, conjuntamente, que acompanharíamos, de forma voluntária, as respectivas turmas na disciplina de Estudo Acompanhado.

De modo a conhecer melhor os alunos, decidimos fazer uma ficha biográfica onde os alunos deveriam colocar os seus gostos e interesses, para ficarmos com um género de perfil do aluno (cf. Anexo 1). Ficou ainda acordado que elaborariámos um contrato pedagógico, com os direitos e deveres dos alunos e professores, devidamente assinado. (cf. Anexo 2). Seguidamente fizemos uma planificação do que seria dado nos

primeiros 15 dias de aulas. No final, fomos informadas de que teríamos de fazer uma acta após cada encontro, de acordo com o regulamento da P.E.S.

II.2. Reuniões

A primeira reunião ocorreu no dia 7 de Setembro de 2011, conduzida pela Chefe de Departamento de Línguas, a Professora Edviges Antunes. Os assuntos tratados foram:

- Apresentação dos Docentes
- Leitura da acta da reunião anterior
- Distribuição dos serviços pelos docentes do ano 2010/2011
- A existência de um curso livre de Inglês
- G.I.E- grupo de intervenção educativa
- Propostas para o desenvolvimento do plano anual de trabalho
- Organização dos recursos e materiais para o espaço aberto (local destinado à ocupação dos tempos escolares no caso de ausência de um Professor)
- Organização dos grupos de trabalho para planificação

Entre outros assuntos, foram ainda discutidas as necessidades de formação para o grupo de professores do departamento, pelo que se fará, uma vez por semana ao final da manhã, uma reflexão sobre os Novos Programas de Português.

Depois de feito um sorteio entre mim e a minha colega de estágio para decidirmos sobre que ano recairia a nossa P.E.S, assisti, no dia 9 de Setembro à reunião de Conselho de Turma do 7ºA. Nela participaram todos os professores. Fiquei a saber que havia 3 alunos repetentes neste mesmo ano: o António Pimenta, que já tinha sido alvo de inúmeras faltas disciplinares; a Carolina, que era uma aluna pouco assídua e que tinha alguns problemas familiares; e a Mariana Rodrigues, transferida de outra escola. Existiam, ainda, alguns alunos repetentes em outros anos escolares, a Ágata e a Diva. Foram distribuídos os horários da turma, falou-se acerca do teste diagnóstico, obrigatório no início de cada ciclo, do projecto a ser desenvolvido na área de projecto - boas práticas alimentares - e das visitas de estudo. Foram igualmente definidas as estratégias comuns, com vista à uniformidade de procedimentos.

No dia seguinte, tive oportunidade de assistir à reunião geral de Professores (R.G.P.) que se realizou na cantina. A directora do conselho executivo, Professora Maria da Graça Ramos, deu as boas vindas a todo o corpo escolar, desejando que o ano lectivo fosse próspero. Eu e a minha colega de estágio tivemos oportunidade de nos apresentarmos a todos os professores da escola e desejar, igualmente, um bom ano lectivo a todos. Seguiu-se um pequeno convívio, com direito a um lanche.

Ao longo do ano lectivo tive ainda a oportunidade de assistir a todas as reuniões do 7ºA, designadamente os três Conselhos de Turma, no final de cada período, e à reunião intercalar em Novembro. Nesta, foram salientados os alunos mais problemáticos: o António Pimenta, que já tinha 5 faltas disciplinares; o Carlos Anjos, oriundo do Brasil, e que já tinha sido alvo de participações disciplinares e faltas de comportamento, além de estar sob a Comissão de Protecção de Menores; o Pedro Cardoso, também ele com 4 faltas disciplinares; e o João Verdadeiro, com 8 faltas disciplinares. Este aluno tinha uma situação muito particular: no 5º ano beneficiou do Ensino Especial, por ter sido diagnosticado como hiperactivo, no 6º ano esta situação não aconteceu, e novamente, no 7º ano, foi beneficente do Ensino Especial. Todas estas reuniões permitiram-me ter uma ideia global do que se passa em cada disciplina. Curioso o comportamento dos alunos variar consoante a disciplina e os professores. Estas reuniões serviram para trocar impressões sobre os alunos, saber a opinião dos professores face a algumas situações que iam surgindo, acompanhar o percurso de cada aluno. Eram também lançadas e, por vezes, discutidas as notas dos alunos, mediante a troca de informações com os colegas.

II. 3. Reflexão sobre as aulas assistidas

A observação de situações educativas continua a ser um dos pilares da formação de Professores

Albano Estrela, Teoria e prática de observação de classes.

II.3.1 Professora Mª da Conceição Vicente

Ao longo do meu estágio, assisti a todas as aulas ministradas pela Professora Conceição Carvalho ao 7ºA e, pontualmente, ao 9ºA e 10º E, salvo quando havia alguma incompatibilidade devido ao estágio de Latim. Estava empenhada em

acompanhar a “minha” turma ao longo de todo o processo ensino-aprendizagem e na sua evolução. Simultaneamente, e graças à diversidade de situações, sentia que em todas as aulas aprendia algo de novo, que se tornou muito gratificante. Para essa observação ser mais eficaz, baseei-me no artigo de Ruth Wajnryb, *Classroom Observation Tasks*, facultado nas aulas de acompanhamento de estágio na Faculdade, onde existiam pistas para se ser um observador atento: reparar como a aula era iniciada e acabada, a atmosfera vivida na sala de aula, a linguagem do Professor, a motivação dos alunos, discussão de regras, competências a serem desenvolvidas em cada aula, organização da informação leccionada, fecho da aula, etc. Além desta estratégia, baseei-me em estratégias de observação próprias: em cada aula propunha-me observar aspectos diferentes, para além daquelas situações que eventualmente iam surgindo. Esta observação ajudou-me a “ver” e não a “olhar” a turma, a ser sensível relativamente à reacção dos alunos, aprendendo o modo de interagir com eles, a perceber a actuação de determinadas estratégias, a distinguir o papel do Professor e o papel do aluno, a saber problematizar e verificar soluções eficazes, confrontar a teoria e a prática, o que se diz e o que se passa numa passa de aula e, sobretudo, não fosse este o tema do meu relatório, constatar que o ritmo do trabalho dos alunos condicionam a prática do professor. Por vezes, a orientadora sugeria que eu e a minha colega de estágio fizéssemos a planificação da aula assistida, para depois confrontarmos com a dela. Esta estratégia em particular era muito engraçada, pois tínhamos a possibilidade de verificar a maneira como a aula era estruturada e se se revelava transparente, facto que se confirmou.

As aulas da Professora Maria da Conceição Vicente sobressaem por todo o seu equilíbrio e pela boa relação pedagógica, onde impera o respeito mútuo e a cumplicidade.

O facto de ter observado as suas aulas, e ter seguido grande parte das vezes o seu *exemplum*, permitiu-me enriquecer bastante a minha P.E.S ao mesmo tempo que me possibilitou reunir todo um saber e experiências que se revelaram imprescindíveis durante a minha prática lectiva.

II.3.2 Etiene Machado

Foi com muito agrado que tive a possibilidade de assistir a algumas aulas leccionadas pela minha colega de estágio, Etiene Machado. Esta observação permitiu que no final de cada aula, além da reunião semanal em que fazíamos uma reflexão sobre a prática lectiva, nos reuníssemos com a orientadora para trocar impressões em conjunto, de forma a melhorarmos a cada dia. Como eu já conhecia de antemão a planificação da minha colega, preocupei-me em focar determinados aspectos em que eu sentia que tinha de melhorar. As turmas estavam dominadas e muito receptivas à aula dada. Assistir à aula de alguém que estava na mesma condição que eu, e ver a maneira como a aula era estruturada, permitiu-me adicionar mais uma experiência positiva na minha prática lectiva.

Para além das aulas observadas, durante o meu estágio, participei nas reuniões semanais na ESCCB sobre os novos programas de português e estive presente numa acção de formação sobre o Novo Acordo Ortográfico (cf. Anexo 3), e numa conferência ministrada pela Professora Tereza Amadeo² na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pois o professor deve estar em constante formação, fazer novas aprendizagens de modo a trocar ideias e experiências. Também a troca de vivências e opiniões com todas as minhas colegas de Mestrado, nos diálogos que travávamos na faculdade, mostraram-se muito proveitosas, visto que a cada semana tínhamos algo de novo para contar, sugerir e reflectir. O facto de estarmos a leccionar anos distintos, permitiu-me adicionar mais ideias do que se passava nas outras escolas, métodos de trabalho e preparar-me cada vez mais para o futuro.

II.4. A importância da planificação

“Quem ensina tem de saber o quê, quando e como semear”.

Vítor Aguiar e Silva, Teoria da Literatura

Planificar significa criar um plano. Este plano é indispensável para qualquer professor, porque é um dos seus suportes, e através do qual ele elabora, disciplina e

² Professora da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

reflecte sobre a eficiência das suas actividades e da sua prática. Ao fazer uma planificação, o professor organiza realmente o trabalho em função dos alunos da sua turma, reflecte sobre os conteúdos e actividades mais adequadas para desenvolver determinados descritores de desempenho e controla a matéria. Contudo, e como existem situações alheias a todos nós, está sempre presente a possibilidade de fazer ajustamentos ao plano consoante a necessidade dos alunos. Por vezes tenta-se, afincadamente, seguir a planificação, no entanto, podem surgir situações em aula que nos levem a optar por outro rumo, pois não podemos desvalorizar as intervenções pertinentes dos alunos. Trata-se, antes, de uma forma de os motivar e estimular para novas aprendizagens. Por isso, a planificação não deve ser rígida, pelo contrário, deverá ser flexível, pois a vida na aula é marcada por uma multiplicidade de interacções, em que muitos acontecimentos ocorrem em simultâneo, um professor tem de saber agir em contexto. Por tudo isto, a planificação deverá ser um meio e não um fim em si mesma.

Tanto no estágio de Português como no de Latim foram realizadas planificações. Enquanto que neste último, e como já referi anteriormente, a Professora possuía a planificação semestral e as estagiárias apresentavam apenas a planificação prévia de cada aula que seria leccionada, na primeira, durante todo o ano lectivo foram realizadas planificações de longo, médio e curto prazo. As planificações a longo prazo, tiveram como auxílio as Orientações Curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação. As planificações a médio prazo foram realizadas tendo em conta as diferentes sequências e segundo as diferentes tipologias de texto, que seriam abordadas ao longo do ano lectivo. Quanto às planificações a curto prazo, que foram desenvolvidas por mim ao longo da minha P.E.S, serviram como “fio condutor”.

II.5. Actividades didáctico-pedagógicas

II.5.1. Visitas de Estudo

Ao longo do ano lectivo realizaram-se algumas visitas de estudo no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa.

II.5.1.2 Porto de Lisboa

A primeira visita de estudo realizou-se no dia 27 de Setembro de 2010 com a turma do 10ºE ao Porto de Lisboa. O intuito da visita de estudo era que os alunos conhecessem mais sobre este Porto, nomeadamente como funciona o controlo marítimo do rio Tejo, uma vez que este é um dos principais portos ibéricos, com um grande relevo do comércio internacional e nos principais circuitos de cruzeiros. Para que isso fosse possível, os alunos assistiram a uma palestra, em que foi referida a história deste porto, a sua importância, crescimento, como e onde são feitas determinadas trocas marítimas, questões de segurança e comunicação. De seguida, os alunos tiveram oportunidade de se deliciar com a vista esplendorosa da torre V.T.S (cf. Anexo 4), local esse que serve de base ao Controlo de Tráfego Marítimo, Segurança Portuária, Pilotagem, Ambiente Portuário e Fiscalização do rio Tejo.

Seguidamente, e graças à amabilidade do Porto de Lisboa, foi possível fazermos um pequeno passeio de barco pelo Tejo, facto que agradou aos alunos e a nós acompanhantes. O balanço desta visita foi positivo e na aula seguinte fez-se um resumo do que se tinha ouvido, discutiram-se os aspectos considerados mais significativos com vista a aumentar o conhecimento cultural dos alunos.

II.5.1.3. Teatro - *Auto da Barca do Inferno*

Inserida no Plano Curricular de Turma (P.C.T), a segunda visita de estudo ocorreu no dia 23 de Novembro, para assistir à representação da peça *O auto da barca do Inferno*, no seguimento do estudo desta obra de Gil Vicente, com o 9ºA. Totalmente relacionada com a matéria então a ser leccionada, a visita procurou proporcionar aos alunos uma visão global e de síntese da obra em estudo, e, de acordo com o previsto no Plano Anual de Actividades, pretendeu-se incentivar o gosto pelo teatro.

Estiveram presentes, também, outras escolas, o que proporcionou um ambiente bastante aprazível. É importante esta incitação, por parte da escola, uma vez que se torna um intercâmbio fundamental e proveitoso, podendo encorajar a frequência do público em apresentações teatrais. Para o comprovar o opinião dos

alunos que afirmaram ter gostado desta adaptação da peça de Gil Vicente e relevaram-se uma plateia bastante entusiasmada e participativa.

II 5.1.4. Coimbra

A terceira visita de estudo realizou-se com as turmas do 9º ano a Coimbra. O objectivo, e no seguimento do estudo d’*Os Lusíadas*, era aprofundar a sua identidade cultural, visitando:

- O Mosteiro de Alcobaça, onde foram sepultados D. Inês e Castro e o rei D. Pedro;
- A Universidade de Coimbra, a primeira Universidade Portuguesa;
- A Quinta das Lágrimas, nomeadamente a Fonte dos Amores, local que presenciou os amores de D. Pedro e D. Inês;
- A Fonte das Lágrimas, local onde D. Inês chorou ao ser assassinada.

Por incompatibilidade de horário, não me foi possível acompanhar as turmas nesta visita de estudo, pois fiquei a assegurar as turmas da orientadora.

II 5.1.5. Constância e Tomar

A quarta visita de estudo foi realizada com a turma do 10º ano a Constância e a Tomar. Em Constância, em paralelo com o estudo da lírica Camoniana e relembrando *Os Lusíadas* (obra que já havia sido dada no 9º ano) interessou-nos visitar o Jardim-Horto de Camões (cf. Anexo 5), que representa um monumento original dedicado ao poeta. A visita iniciou-se pela visualização de um painel elucidativo de azulejos, reproduzindo o perfil dos três continentes percorridos pelo poeta. Seguidamente, fizemos uma pequena “excursão” pelo espaço. Este jardim contempla a flora que o poeta referiu nas suas obras, as plantas típicas da vegetação mediterrânica e também plantas tropicais, fruto das viagens do poeta. Todas elas possuem uma placa identificadora assim como a transcrição do verso onde Camões a menciona. Os alunos tiveram oportunidade de ler esses versos e, graças à gentileza da guia, cheirar algumas plantas, nomeadamente a canela, pimenta, alfavaca, rosas, o que lhes agradou bastante. Este jardim conta, ainda, com um espaço dedicado a Macau, relembrando a passagem do poeta por esta região. Curioso foi também conhecer, aí, um pequeno auditório com uma reprodução, no chão, do Planetário de Ptolomeu, em que os

alunos, colocando-se no centro poderiam ouvir a sua voz projectada, como se falassem ao microfone.

Enquanto uma parte dos alunos fazia o passeio pelo Jardim-Horto de Camões, outra parte fez um *pedipaper*, com o objectivo de conhecerem alguns pontos de interesse de Constância, nomeadamente: a casa onde Camões teria vivido, uma escultura, que ladeia a casa do poeta, da autoria de Lagoa Henriques, intitulada “Amor”, o pelourinho, a Igreja da Misericórdia, o monumento a Camões, como resultado da ligação desta vila ao poeta.

Depois de almoço, deixámos a bela vila de Constância e dirigimo-nos para Tomar, a fim de visitarmos o Convento de Cristo. Classificado como Património Mundial pela Unesco e fundado em 1160 pelo Grão-Mestre dos Templários, Dom Gualdim Pais, este Convento conserva recordações dos monges cavaleiros e dos herdeiros do seu cargo, a Ordem de Cristo, os quais fizeram deste edifício a sua sede. Os alunos tiveram direito a uma animação especial, em que alguns foram armados cavaleiros (cf. Anexo 6). Foi visível o entusiasmo e satisfação por parte de todos. Finda a passagem por Tomar, regressámos ao ponto de origem, a ESCCB.

De salientar que em todas as visitas de estudo o comportamento dos alunos foi satisfatório e exemplar, aliás, condição que a Professora M^a da Conceição deixa sempre muito evidente.

II 6. Actividades desenvolvidas na ESCCB

II 6.1. Vigésimo quinto aniversário da ESCCB

No dia 4 de Dezembro de 2010 foi realizada, no gimnodesportivo, a comemoração do 25º aniversário da ESCCB. A contribuição das turmas do 7º e do 9º ano passou pela distribuição de uma revista, o “Pasquim”. Cada uma destas turmas, assim como outras da escola, possuíam uma mesa com um bolo, fruto das contribuições dos pais dos alunos, e um painel onde, no caso do 7º ano, e porque se trata de um início de ciclo e a entrada numa nova escola, estava descrito o que os alunos pensavam desta escola antes de a frequentarem e se as expectativas e os medos corresponderam à realidade, fazendo assim uma oposição “O que dizem “ – “O

que somos”. O 9º ano ficou encarregue de pesquisar sobre acontecimentos que mudaram o país entre 1985, inauguração da escola, e o ano de 2010. Todas estas actividades foram pensadas e preparadas com a antecipação necessária, ora nas aulas de Língua Portuguesa, ora em horário pós-aula.

II 6.2. Escrita inter-geracional

A escrita inter-geracional, tal como o nome indica, visa o intercâmbio da escrita entre pessoas de gerações diferentes, neste caso, entre os alunos da ESCCB e os idosos do Centro Social e Paroquial de São Romão, em Carnaxide. Esta actividade já havia sido desenvolvida pela minha orientadora no ano lectivo transacto e, no meu ano de estágio, continuámos o “legado”. A primeira troca de experiências ocorreu pela altura do Natal, em que ambas as partes, os alunos e os idosos, davam início a um conto para, posteriormente, fazerem a troca e continuação dos mesmos. É bastante interessante ver como gerações tão distintas dão asas à sua imaginação.

O segundo contacto deu-se no dia 11 de Março de 2011, quando fomos com as nossas duas turmas do ensino básico ao Centro Social e Paroquial de São Romão. Preparámos, previamente, várias actividades para serem desenvolvidas, nomeadamente: truques de magia, anedotas, adivinhas e declamação de poesia. Curioso referir a capacidade dos idosos em recitarem poemas de memória, o que nos impressionou a todos.

O objectivo foi proporcionar o convívio, a partilha, a solidariedade e trabalho conjunto, que resultou bastante bem.

II 6.3. Quadros de Honra e Excelência

No dia 25 de Março de 2011, no gimnodesportivo, realizou-se a cerimónia dos Quadros de Honra e Excelência, que visa promover e premiar os alunos pelo seu desempenho escolar ou pela sua potencialidade humana.

A cerimónia iniciou-se com um pequeno discurso da Directora da Escola, Professora Maria da Graça Ramos, por alguns membros do Conselho Executivo e da Professora representante da escola. Seguiram-se várias actividades desenvolvidas em conjunto por alunos e professores, como: representação, canto, dança, *sketches*, etc.

As turmas do 7ºA e do 9ºA fizeram uma pequena representação teatral abordando a família e a educação. Houve, novamente, a participação de uma aluna do 9ºA, a Maria Inês, nº14, tocando guitarra, juntamente com outros alunos que cantavam.

Foi uma noite em que reinou um ambiente afável e de festa, em que foi possível estreitar os laços entre professores, alunos e comunidade escolar.

II 6.4. Semana da Leitura

A semana da leitura da ESCCB realizou-se entre os dias 27 e 29 de Abril de 2011. Várias actividades foram criadas para as diferentes turmas, no Centro de Cultura/Biblioteca.

No ano de 2011, verificou-se o centenário da morte do escritor Fialho de Almeida, como tal, uma das actividades que pensámos ser interessante para os alunos do ensino básico passaria por, através de algumas pistas que demos sobre este escritor, recorrerem a enciclopédias e à internet para descobrir de quem se tratava. Depois de descobrirem qual era o autor, fariam uma breve biografia. Outra actividade foi a construção de um *puzzle* gigante com alguns dados sobre Fialho de Almeida (foto).

As turmas de secundário, no âmbito do estudo *D'Os Maias*, tiveram de fazer uma leitura transversal de uma obra deste autor, “Pascinadas”, em que se faz uma crítica à obra de Eça de Queirós. Seguiu-se um pequeno debate, em que os alunos tiveram de dizer se concordavam ou não e porquê. Outros grupos, baseados num artigo da mesma obra, tiveram de elaborar uma notícia sobre a chegada de Camilo Castelo Branco a Lisboa.

Eu e a minha colega de estágio, Etienne Machado, pensámos, ainda, numa outra actividade que tinha como principal objectivo elucidar e incentivar o gosto pela leitura. Assim sendo, e baseando-nos em textos anteriores dos alunos, nomeadamente a composição que saiu no Grupo V do teste do 7ºA, criámos vários livros de cartão, (foto) que “fugiam” das estantes em direcção à porta com malas de viagem, pois estavam aborrecidos por ninguém os ler (cf. Anexo 7). Invocavam a leitura e o desejo de ter donos que os lessem. Os alunos tiveram que descodificar e justificar a

mensagem que os livros queriam transmitir e tentar descobrir o título atribuído à actividade – a Revolta dos Livros.

II 6.4.1 Palestra ministrada pela Professora Maria do Rosário Monteiro

Na sequência da semana da leitura, realizada na ESCCB, eu e a minha colega de estágio, propusemos à orientadora de estágio a presença da Professora Rosário Monteiro³ para falar aos alunos sobre o livro e o filme, ou seja, os livros que deram origem a filmes. Tanto a orientadora como a Professora Rosário Monteiro concordaram de imediato com a proposta. O título da palestra foi “Ver com os olhos, ver com a imaginação”. O objectivo da palestra era incentivar a leitura, de modo a que os alunos percebessem que através do livro a imaginação é livre, está liberta para viajar pela história que se lê. Quando se imagina uma personagem, ela é só nossa, não é igual à de qualquer outra pessoa, é como se fosse uma criação artística e cada um cria de acordo com a sua produção de ideias e criatividade. No filme vê-se o que a imaginação de algumas pessoas nos impõe. Ficamos presos à imagem de determinada personagem e é difícil desligarmo-nos dela, mesmo que leiamos o livro.

Curioso referir que a Professora iniciou a palestra referindo que nesta era onde nos encontramos, a era da imagem, cada vez mais os livros estão nas estantes a ganhar pó, pois as pessoas lêem cada vez menos. Este pensamento, sem ser combinado ou previamente comentado, foi ao encontro da actividade anteriormente descrita, em que os livros fugiam.

Os alunos participaram activamente e demonstraram bastante interesse, entusiasmo, e, ainda, uma simpatia e admiração muito grande pela Professora Rosário Monteiro, profissional, espontânea e com um óptimo sentido de humor.

II 6.5. Actividades do Plano Nacional de Leitura (P.N.L.)

No âmbito do P.N.L, foram realizadas, ao longo do ano lectivo, várias acções na Biblioteca Escolar, com o objectivo de incutir nos jovens o prazer pela leitura, num ambiente favorável, em encontros agradáveis, desenvolvendo competências e actividades recreativas num espaço fora da sala de aula. Simultaneamente, os alunos

³ Professora de Cultura e Literatura Comparada da FCSH-UNL

tiveram oportunidade de conhecer melhor este espaço, de forma a torná-lo familiar e virtuoso.

Nestas actividades, e como ponto de partida, os alunos dividiram-se em grupos e analisaram a revista “Visão Júnior”, de forma a reter as ideias principais. Depois, cada grupo referia o que achou mais interessante, com a devida justificação, havendo um género de debate. Contudo, havia também outras actividades. Numa delas, e integrado nas oficinas de escrita e de leitura, os alunos escreveram um texto que se iniciava da seguinte forma “E, se de repente, a minha Professora se transformasse num...” . Numa outra visita ao Cento de Cultura/ Biblioteca, os alunos tiveram que inventar um super-herói: biografia, ideias, características físicas e psicológicas, o que lhes agradou particularmente, pelo facto de poderem passear pela sua imaginação.

Os alunos aderiram, sem excepção, com prazer e empenho.

II 7. Prática de Ensino Supervisionada

II 7.1. A Unidade Didáctica Arroz do Céu

Segundo o programa de Língua Portuguesa, os alunos do 7º ano de escolaridade devem ler, no mínimo, três narrativas de autores portugueses. É neste âmbito que se insere o estudo do conto “Arroz do Céu”, de José Rodrigues Miguéis.

No final do primeiro período, o conto foi distribuído a todos os alunos para que o lessem durante a pausa lectiva de Natal. Assim, no dia 4 de Janeiro, após um breve diálogo sobre as férias, dei início à unidade didáctica. Foi com agrado que verifiquei que apenas três alunos não o tinham lido, um deles por ser repetente, alegando já dominar o conteúdo da história, e duas alunas por esquecimento. Por isso, e para verificar até que ponto os alunos o tinham percebido, fui gradualmente, com a colaboração de grande parte dos alunos, “caminhando” ao longo do conto e referindo os aspectos mais importantes para que, mesmo aqueles que não o tivessem lido, pudessem apreender o essencial da história. Através desta actividade foi possível verificar que até os que o tinham lido, não o dominavam na totalidade, revelando a pouca atenção da leitura.

Seguidamente distribui uma ficha de verificação de leitura (cf. Anexo 8), com consulta do conto, para comprovar o teste diagnóstico oral. No entanto, em vez de recolher a ficha no final da aula, decidi que os alunos deveriam levá-la como trabalho de casa, pois poderiam, deste modo, corrigi-la e melhorá-la, incluindo os que ainda não tinham lido o conto.

Com o intuito de conhecerem melhor o autor desta obra, foi projectado um *powerpoint* com traços biográficos de José Rodrigues Miguéis. Ao mesmo tempo, achei pertinente ir referindo os seus aspectos mais importantes, nomeadamente a participação do autor em revistas literárias como a *Presença* e a *Seara Nova*. Acrescentei, ainda, o facto de este ter sido expatriado para Nova Iorque, causa que está ligada a todo o livro onde se insere o conto “Arroz do Céu”, *Gente de Terceira Classe*, que tem como eixo dominante a condição do imigrante. Os alunos, em simultâneo, realizaram um exercício lacunar que exigia a observação atenta do *powerpoint* (cf. Anexo 9). Pensei nesta estratégia, pois assim eles não estariam apenas numa condição passiva a olhar para o que estava a ser apresentado, uma vez que teriam de estar com atenção à informação que era referida para completar a ficha. O resultado final foi positivo, porquanto a ficha foi devidamente preenchida. Comprovou-se este facto aquando da resolução da mesma. Assim terminou esta aula, tendo pedido aos alunos que trouxessem a ficha de verificação de leitura para a aula seguinte e que investigassem sobre José Rodrigues Miguéis, de forma a trazerem algo de novo que não tivesse sido indicado.

O segundo bloco de noventa minutos, como habitualmente, iniciou-se com a escrita do sumário no quadro. Na minha opinião esta actividade no início da aula é muito importante, pois os alunos chegam à sala algo agitados e enquanto escrevem o sumário vão-se preparando para o trabalho em aula, o que permite que o seu início seja tranquilo. Depois de todos terem escrito o sumário, retomei a aula com a correcção da ficha de leitura no quadro, feita pelos alunos. Consegui, deste modo, trabalhar e avaliar as quatro competências essenciais: compreensão e expressão oral, compreensão e expressão escrita. A compreensão e expressão oral, consistia em verificar se os alunos organizavam a informação recolhida, percebiam as respostas que os colegas davam às perguntas que iam sendo colocadas e a forma como produziam o

discurso, devendo ser em Português padrão e com um vocabulário e estruturas gramaticais diversificadas e correctas, recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva. Quanto à compreensão e expressão escrita, os alunos teriam de expressar pontos de vista e apreciações críticas suscitados pelo texto lido, recorrer à escrita para assegurar o registo e o tratamento da informação ouvida e lida, e também utilizá-la para estruturar o pensamento e sistematizar conhecimentos. Depois, apresentei outra actividade aos alunos. Seleccionámos seis passagens mais relevantes do conto e propus uma leitura expressiva, pois a meu ver nada pode substituir este tipo de actividade feita pelo professor. Seguidamente formaram-se seis grupos, de quatro pessoas cada, (a turma até então possuía vinte e quatro alunos). A cada grupo foi entregue um excerto do conto, que deveria ser transformado em discurso directo, conteúdo trabalhado no primeiro período, de forma a transformá-lo num texto dialogado. Este trabalho seria posteriormente apresentado à turma pelos respectivos grupos em figuração, na aula seguinte. Graças a esta actividade foi possível que os alunos, a partir do texto base, pudessem também “dar asas” à sua imaginação. No terceiro bloco de noventa minutos desta unidade didáctica os alunos fizeram as suas apresentações e simulações. O resultado final foi positivo e todos os grupos participaram de forma dinâmica. Optei por esta estratégia, pois sendo esta turma bastante heterogénea, o trabalho em grupo tem ajudado e estimulado os alunos mais fracos e os mais aptos participam de forma activa. Senti que estes momentos tornavam o ambiente mais afável e os alunos mais receptivos e, creio, mais criativos. Segundo Díaz-Aguado este tipo de actividades, de partilha com os alunos do controle de aula torna-se “imprescindível em contextos heterogéneos” (Díaz-Aguado, 2000: 143).

Na aula seguinte, o quarto bloco de noventa minutos projectei um *powerpoint* apenas com imagens sobre diversas situações do quotidiano (cf. Anexo 10), para explorar com os alunos e levá-los a estabelecer uma analogia com o conto em estudo e com a realidade dos nossos dias. Decidi escolher esta actividade, uma vez que a escola, além da competência científica, serve para formar pessoas, cidadãos atentos e solidários. Segundo o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, presidida por Jacques Delors, a educação “tem por missão,

por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Desde tenra idade a escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões para esta dupla aprendizagem.” (1998: 97-98). Assim sendo, dei apenas algumas pistas para que os alunos pudessem reflectir sobre a sociedade actual.

Pedi que falasse um de cada vez e de forma organizada. A propósito da primeira imagem, questionei aos alunos sobre que ideia ou sentimentos a referida imagem lhes suscitava. Reconheceram que era um senhor que tem como função limpar sarjetas, possui um trabalho honesto e, em concordância com a imagem número dois era uma pessoa fundamental ao nosso bem-estar, pois se eles não existissem a saúde de todos nós estaria ameaçada. Na figura número três e quatro passou-se o mesmo e referi o que se passou há dois anos, quando os funcionários de recolha do lixo fizeram greve no dia seguinte ao Natal. Muitos alunos disseram que as ruas deles estavam cheias de lixo e que era muito desagradável e pouco higiénico viver naquela situação. Na figura número cinco, um aspecto curioso foi que os alunos, ao contrário do que aconteceu nas outras imagens, que diziam ser um trabalho árduo, disseram que este trabalho “ já não era assim tão mau”. O meu objectivo foi elucidar que os padeiros, em norma, trabalham durante a noite, enquanto estamos a dormir. É uma profissão igualmente dura, pois dormem durante o dia e, consequentemente, têm menos tempo para estar com a família. O facto de os alunos terem o pequeno-almoço na escola às oito horas da manhã resulta do trabalho de outras pessoas e é importante que desde cedo percebam a dureza do trabalho que está para lá do que pode ser observado. Após esta breve análise conjunta, os alunos fizeram a analogia com o conto, quase de imediato. Tal como o limpa-vias, que desempenhava uma profissão que as pessoas mal reconheciam, estes trabalhadores são imprescindíveis à vida em sociedade e, não raras vezes, são desvalorizados, ou fazemos chacota deles.

Relativamente à imagem número seis, por um lado pensei que poderia ser chocante para eles, por outro, considerei que quanto mais cedo eles se consciencializassem e conhecessem a realidade em que vivem as outras pessoas, melhor. Questionando os alunos sobre o que pensavam dessa imagem, disseram que

se referia às pessoas que passam necessidades alimentares. Curioso foi conduzir o pensamento deles até ao desperdício de comida. Um dos alunos referia que o pai lhe dizia que ele “ tinha mais olhos que barriga” ou seja, queria muito e depois não comia tudo. Ao contrário, outro aluno dizia que, até quando vai ao refeitório da escola, pede para a funcionária servir exactamente a quantidade de comida que ele come. Vários alunos intervieram falando dos constantes desperdícios de comida e até das novas normas adoptadas por muitos restaurantes e hipermercados, em dar os restos de comida às pessoas mais pobres, o que consideraram ser uma atitude justa e solidária. Quanto à relação com o conto, referiram que tal como o limpa-vias, que por ser um pobre imigrante com um trabalho mal pago, apanhava o arroz do chão no metro, para o acrescentar às refeições da sua família, também a criança da imagem apanhava comida do chão, por não ter outro meio de subsistência.

Quanto à imagem número sete, todos referiram tratar-se de um sem-abrigo, mas as causas que o poderão ter levado até esse ponto foram muito discutidas pelos alunos, levando a opiniões bastante distintas. Para alguns, os sem-abrigo são apenas pessoas pobres e, como tal, não têm dinheiro, casa nem comida, por isso mendigam. Porém, para outros, existem pessoas que fingem ser mendigos para não trabalharem, ou ainda devido a um factor muito importante: o consumo de álcool e/ou drogas. Este ponto foi fulcral para esta turma, uma vez que, se estes assuntos não forem devidamente tratados e explorados nestas idades, podem levar a atitudes e escolhas muito negativas, pois é na adolescência que começam a sentir curiosidade em vivenciar novas experiências, estando por esse motivo mais sujeitos e predispostos ao contacto com esses vícios. Uma aluna, entretanto, disse que o álcool não era uma droga, pois pessoas reconhecidas, como empresários e gestores de empresas, bebiam em grandes quantidades e não eram viciados. Alegava ainda que, qualquer pessoa pode, em qualquer momento, parar de beber. Ora, este tipo de comentários espelha a ilusão, a falta de informação dos jovens e o risco que eles correm de tomarem decisões erradas. Foi elucidado à aluna, e também com a ajuda dos outros elementos da turma, que o álcool, assim como as drogas causa dependência e quando as pessoas se apercebem já estão viciadas e pode ser tarde demais. Este tipo de drogas trazem graves consequências: desordem orgânica e funcional de sistemas do corpo, exclusão

social, miséria, e até a morte. Uma aluna referiu que chegou até a perder amigos que optaram pelo caminho das drogas e que ela, por não concordar com o seu uso e para não ser influenciada, colocou de lado essas amizades. Fui referindo que, por vezes, os sem-abrigo que pedem dinheiro, dizendo estar com fome, não querem comida, mas sim dinheiro para suportar o seu vício. Os próprios alunos depois chegaram a essa conclusão. É importante que todos percebam os caminhos certos e os caminhos errados. Outros alunos disseram que os mendigos poderão ter chegado a esse ponto devido à crise económica, desemprego, conflitos familiares. A crise económica poderá, entre outros motivos, estar agravada nos elevados preços do mercado e na dificuldade em pedir empréstimos habitacionais. Quanto ao desemprego, vários disseram existir pessoas que não fazem qualquer tipo de trabalho, como o das imagens representadas e que os conflitos familiares não se podem tornar consequência desta maneira de encarar a vida.

Por fim, e na última imagem, que consistia na junção de todas, foi com agrado que ouvi uma aluna fazer observações bastante interessantes: se não existissem pessoas que limpassem os esgotos, as cidades inundavam-se; se não existissem pessoas que recolhessem o lixo, as epidemias seriam uma realidade; se não houvessem padeiros, não comeríamos pão, sendo este um dos alimentos mais baratos, e que enquanto algumas pessoas desperdiçam comida, outras rastejam por ela; se não nos prepararmos para o futuro e nos responsabilizarmos pelos nossos actos poderemos acabar mendigos. Por tudo isto, concluiu a aluna “temos de valorizar estas *pequenas pessoas* que tanto contribuem para o nosso bem-estar”. Penso que este comentário serviu para perceber o impacto que a escola tem na formação humana das pessoas.

Por fim, distribuí uma ficha sobre as imagens (cf. Anexo 11), para os alunos, como é objectivo do programa da Língua Portuguesa para o Ensino Básico, recorrerem à escrita para assegurarem o registo e o tratamento de informação ouvida, produzirem textos em termos pessoais e criativos, e para exporem representações e pontos de vista, mobilizando de forma criteriosa a informação recolhida em aula, na sua vivência e na dos colegas. Vou salientar um aspecto curioso, aquando da correcção oral desta ficha. Quando foi perguntado aos alunos qual a imagem que mais os tinha

sensibilizado, todos responderam que era a da criança a apanhar comida do chão. No entanto, e como refere a imagem número sete, o mendigo pede apoio a quem passa. A escolha dos alunos reflecte a fuga, o medo de olhar um futuro negativo, desdém por quem não luta e, por isso, a recusa do fracasso.

No quinto bloco de noventa minutos, optei por desenvolver uma estratégia de trabalho de grupo na sala de aula, testando, assim, a interacção de grupo em directo (para avaliar e comprovar como procedem à divisão e execução de tarefas). Depois de escrever o sumário, expliquei a actividade aos alunos - seriam formados seis grupos e cada grupo teria de escolher um tema, entre as seis propostas apresentadas:

- A imigração aqui e agora;
- A solidão;
- A diversidade social;
- A formação e condição humana;
- A vida da luz/ escuridão;
- A importância da cultura/saber.

Os alunos deveriam fazer um plano sobre o seu tema e desenvolvê-lo em aula. Escrevi no quadro os pontos que tinham de constar na planificação: 1. O tema; 2. Relação com o conto; 3. O tema e a realidade dos nossos dias. Dei-lhes ainda a liberdade de acrescentarem mais ideias. Esta aula ocorreu numa sexta-feira, a apresentação dos trabalhos foi marcada para a aula seguinte, terça-feira.

No sexto bloco de noventa minutos, cada grupo apresentou o seu trabalho e consegui perceber e avaliar quem realmente tinha apreendido o significado do conto. Recorreram a métodos diferentes, nomeadamente ao *powerpoint*, quadro, *sketches*.

Iniciei a leccionação desta unidade didáctica através da chuva de ideias, dando pistas para os alunos pensarem, trocarem opiniões, chegarem a conclusões, partindo do particular, por meio da observação de fenómenos concretos da realidade e das relações existentes entre eles, para se chegar à generalização. Tentei também despertar o gosto e curiosidade para mais leituras deste autor.

Através da leitura, os alunos puderam fazer uma analogia com a realidade, com o presente e ficarem mais informados sobre diferentes modos de vida. A Comissão Internacional para a Educação reafirmou um princípio fundamental “ a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa - espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.” (1998: 99).

Tentei criar um clima onde imperassem estratégias eficazes que levassem os alunos a ver com certa clareza determinadas situações que os fizessem definir melhor ou realçar os seus valores, pois cabe ao professor o papel de organizador da aprendizagem e estimulador do desenvolvimento cognitivo e socioafectivo dos alunos. Desta forma, e com as transformações sociais operadas na estrutura social da população escolar, a escola reformulou o seu papel, passando a ser um lugar de encontro e de diálogo entre culturas. Díaz-Aguado refere a eficácia da discussão com colegas de grupos heterogéneos para a “implementação de níveis superiores de raciocínio moral”. (Díaz-Aguado, 2000: 139). Jacques Delors complementa, afirmando que “O confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI.” (1998: 98). O professor deve também dar oportunidade aos alunos para assumirem responsabilidades e desenvolverem a criatividade, que ganha deste modo um papel mais efectivo na sua aprendizagem. Foram estes os meus objectivos ao propor o trabalho de grupo.

II. 7.2. A Unidade didáctica sobre a poesia

Porque a poesia não está só no coração: joga com a linguagem, abre as portas à imaginação, alimenta a inteligência e dá sentido às mais pequenas coisas da vida.

Maria Manuela Cabral, *Como Abordar... o Texto Poético*

Com vista a adquirir mais experiência, foi acordado com a orientadora que daria mais uma unidade didáctica, o que achei bastante útil e construtivo na minha formação.

Muito se tem debatido, entre poetas e pedagogos, a questão de *como* ensinar a poesia ou se é mesmo possível. Para alguns, a poesia aprende-se, não se ensina⁴, para outros, é necessário *falar sobre*. Concordo com Maria Manuela Cabral quando refere que

de facto, o mais importante para qualquer professor será reflectir sobre como tratar a poesia, de modo a que esse falar sobre, que tantos rejeitam, deixe de ser monólogo magistral, erudito, entediante e estéril, e se transforme em efectiva descoberta e encontro do aluno consigo mesmo e com os outros, através da leitura dos poetas.

(Cabral, 2002:53)

Dei início a esta unidade didáctica questionando os alunos sobre o que pensavam ser poesia, se já tinham ouvido falar dela e que ideias ou sentimentos lhes suscitava. Seguidamente, e para fazer uma ponte com as ideias dos alunos, recorri ao rádio para eles ouvirem o texto de Manuel Alegre intitulado “ A Poesia não se explica”, ao mesmo tempo que poderiam sublinhar aspectos curiosos do mesmo, uma vez que distribui uma fotocópia por todos: os que quisessem acompanhavam em simultâneo pela dita fotocópia, enquanto outros poderiam optar apenas por ouvir. Cada um faria da maneira que achasse mais confortável e benéfica para si, agindo de forma mais autónoma. Depois, optei por fazer a sistematização das ideias-chave no quadro consoante o que os alunos iam dizendo, ou seja, a definição de poesia e de poeta, segundo aquele autor (que enumera vários autores também). Através desta actividade foi possível fazer uma nova aprendizagem e troca de ideias, agora já com a participação de mais alunos, do que achavam da poesia.

De seguida, foi distribuído pelos alunos o poema de Cecília Meireles “ Motivo” Optei por fazer primeiro eu uma leitura expressiva e com ritmo, respeitando as construções repetitivas, com o intuito de que o texto poético permanecesse no ouvido. Em simultâneo, fui fazendo alguns comentários e sugerindo ideias aos alunos na “ descodificação” do poema. Depois, os alunos leram em voz baixa, para cada um

⁴ Manuel de Fala in *Como Abordar...o Texto Poético*: 52

poder “absorver” o poema “para que seja ele próprio a ter possibilidade de pôr ao texto as suas próprias questões” (Cabral, 2002: 55), pois quando a leitura é feita em silêncio, para nós, a atenção dedicada é mais eficaz. No final, pedi a alguns alunos para o lerem em voz alta, pois neste momento já teriam entendido suficientemente o sentido do poema. Posteriormente, decidi criar uma actividade a pares: o preenchimento de uma ficha sobre o poema, visto que “[...] as práticas de leitura e explicação de poemas são [...] imprescindíveis ao desenvolvimento das competências do aluno, como leitor de poesia e não só.” (Cabral, 2002: 56). Pensei, ainda, que seria interessante que fosse a pares para os alunos poderem discutir, trocar ideias e opiniões, a análise reflectida, de forma a poderem defender o seu ponto de vista. A aula terminou com a correcção oral da ficha.

O segundo bloco, e como habitual, foi iniciado com uma breve revisão da aula anterior. De seguida, foi feita a leitura e comparação do poema “Aniversário”, de Fernando Pessoa e “Ladainha dos Póstumos Natais”, de David Mourão-Ferreira, que tratam o mesmo assunto: o ciclo da vida. A escolha destes poemas teve em conta a faixa etária dos alunos e, de certo modo, pensei que lhes pudesse captar a atenção devido ao seu tema. Depois de uma partilha e confronto de saberes sobre os poemas, em diálogo bi-direccional, decidi alternar com algumas estratégias. Sugeri actividades de grupo diversificadas, onde os grupos já tinham sido previamente sugeridos por mim, uma vez que tentei, e conhecendo os alunos, criar tarefas mais adequadas de forma a que todos ficassem motivados. O objectivo geral era sensibilizar os alunos para actividades de escrita e criatividade, com vista a que todos participassem em trabalhos de forma activa e apreendessem os pontos principais sobre esta matéria.

Assim sendo as tarefas seriam:

Grupo 1 (continha os alunos mais distraídos e com necessidades educativas especiais)

Associação de imagens ao poema e justificação; (cf. Anexo 12)

Os alunos que acham mais enfadonha a análise formal e habitual do poema, teriam oportunidade de fazê-la de forma diferente, através de imagens. A princípio poderia parecer que seria só ler o poema e escolher imagens, mas a verdade é que a escolha das imagens implicava a compreensão do poema.

Grupo 2 (formado por alunos que já tinham demonstrado gostar de poesia)

Análise do poema de Cassiano Ricardo, "O Que é poesia?" (cf. Anexo 13)

Uma vez que alguns alunos mostraram interesse especial na abordagem da poesia, pensei que propor-lhes esta tarefa seria algo que ia efectivamente ao encontro do seu interesse e, assim, os motivasse.

Grupo 3 (constituído por alunos mais criativos) - Reconstituição do poema de Eugénio de Andrade, " Duas horas vão passadas". (cf. Anexo 14)

O intuito era que os alunos percebessem e reconstituíssem a mensagem do poema, que até poderia fazer sentido com os versos trocados. No final foi feito um confronto com o poema original.

Grupo 4 (englobava alunos que escreviam bem) Criar um poema a partir do tema " A Amizade". (cf. Anexo 15)

O objectivo era que os alunos utilizassem aspectos da linguagem poética para compor um poema.

Grupo 5 (incluía alunos aplicados) Continuação da escrita do poema de Sebastião da Gama, " Poema da minha esperança" (cf. Anexo 16)

O intuito era que este grupo de alunos desenvolvesse uma exploração criativa da linguagem. Assim, tendo este poema como ponto de partida, a produção escrita dos alunos iria permitir testar a compreensão do poema.

Por fim, cada grupo fez a apresentação oral à turma proporcionando um debate, com vista a uma sensibilização para os valores.

Penso que a apresentação desta temática correu, globalmente, bem. As estratégias utilizadas foram previamente reflectidas e ponderadas com a turma em questão e já tendo em conta o tema do meu relatório. Neste caso em particular, resultaram positivamente. Como são alunos do 7º ano foi importante estimular a descoberta e a exploração criativa através de jogos poéticos, e, por conhecer os alunos, criar

actividades específicas para cada grupo de forma a obter o sucesso de todos. Contudo, “[...] numa pedagogia desejavelmente diversificada, os jogos são uma estratégia entre muitas outras, que convirá variar exactamente para evitar o tédio, mas nunca a prática mistificante que dá como garantido qualquer tipo de sucesso” (Cabral, 2002: 25)

II 7.3. Aula sobre o texto narrativo

Possuindo a turma do 10ºE as características tão específicas⁵, pensei que teria de usar uma estratégia que fosse eficaz quando abordasse o texto narrativo.

Confesso que não foi uma tarefa fácil para mim, pois queria algo que captasse a atenção, de forma a poder motivá-los, ao mesmo tempo que apreendiam os pontos principais subjacentes a esta matéria.

Assim sendo, foi acordado que abordaria o conto e escolhi o “O Vagabundo na Esplanada” de Manuel da Fonseca, pois tem vários valores implícitos que podem ser explorados. Segundo Lamas (*apud* Dias, Minervina, 2006: 21) “O prazer é essencial ao processo de ensino-aprendizagem. O aluno só estará envolvido nas actividades da aula se sentir prazer no que estiver a fazer.”

Dei início a esta matéria falando, em traços gerais (uma vez este tema já foi abordado em anos anteriores) sobre o texto narrativo, focando-me, posteriormente, no conto.

Partilhando o conto e a fotografia características idênticas, tentei fazer uma analogia entre literatura e fotografia, uma vez que a fotografia pode ser vista como uma espécie de livro de notas ilustrado a fim de registar determinados aspectos da vida. Seguidamente, e como esta matéria englobava falar das categorias da narrativa, pensei em fazê-lo de maneira diferente e de forma a estimular a imaginação: em vez de estar a explicar os tipos de narrador, personagens, tempo e espaço, organizei uma oficina de escrita. Distribuí fotografias relacionadas com o conto que iríamos estudar por todos os alunos e eles teriam de elaborar um conto, de acordo com as características específicas deste género literário, através da sequência de imagens. Teriam de abordar as categorias da narrativa, mas da forma que achassem mais

⁵ Ver *infra* pág.38

pertinente, com o objectivo de serem eles mesmos a tirarem ilações, servindo o professor apenas como guia. Depois desta actividade, foi feita a leitura e comentário de alguns contos que foram um ponto de partida para um debate onde os alunos poderiam expressar a sua opinião e dizer se as categorias da narrativa tinham sido bem aplicadas. No final, foi feita, ainda, a comparação e discussão dos aspectos mais importantes do conto original.

As oficinas de escrita são fundamentais para os alunos escreverem com prazer, autonomia, ao mesmo tempo que aplicam os seus conhecimentos linguísticos. Esta oficina de escrita tinha o intuito de superar os problemas dos alunos, no âmbito da escrita, e estimular hábitos de escrita voluntária e criativa.

II.7.4. Aula sobre a rádio

Inserida no módulo sobre os *Media*, ficou estabelecido que daria uma aula sobre a rádio. Como esta turma era de Informática, resolvi adoptar uma estratégia que estivesse intimamente relacionada com os seus interesses: a criação de um *blog*. O objectivo da utilização deste meio de comunicação era que os alunos, interactivamente, obtivessem e trocassem informações, de modo a que fossem colmatadas algumas lacunas demonstradas por alguns. Este *blog* foi exposto na aula, mas foi sobretudo utilizado no contexto extra-escolar, com vista a consolidar conhecimentos adquiridos em sala de aula.

O objectivo desta experiência foi motivar e estimular a participação de todos os alunos, demonstrado pelo interesse em saber mais e na interacção entre todos os intervenientes do processo de ensino-aprendizagem.

II.8. Elaboração e correcção dos Testes

Durante o meu estágio tive a oportunidade de elaborar os testes de Língua Portuguesa. Assim, logo no primeiro período elaborei a primeira prova escrita (cf. Anexo 17) de acordo com as indicações da orientadora. Embora tivesse alguma liberdade na escolha dos textos e dos exercícios, os testes eram constituídos obrigatoriamente por escolha múltipla, perguntas de resposta curta, análise de dois textos, em que um seria totalmente desconhecido para os alunos e outro seria

relacionado com a obra que estivesse a ser leccionada. A versão final do teste era sempre revista pela minha orientadora, de forma a não haver lapsos nem perguntas ambíguas. Quem fala em testes tem, inevitavelmente, de falar da sua respectiva matriz e cotação (cf. Anexo 18). Todo esse trabalho foi feito em conjunto com a orientadora, podendo sempre dar a minha opinião ou sugestões. Confesso que nunca tinha feito a cotação de um teste e não pensei que fosse algo tão complexo e ponderado.

Quanto à correcção dos testes, depois de conhecido os cenários de resposta, era corrigido por mim, socorrendo-me de grelhas de avaliação, e revisto pela minha orientadora, pois em alguns casos surgiam-me dúvidas quanto à atribuição da cotação, algo que a experiência foi auxiliando.

Capítulo III - O estágio de Latim

III 1. Reunião antes do início do estágio

Antes de iniciarmos o estágio de Latim, eu e as minhas colegas, Cátia Ramalhinho, Etienne Machado e Sara Costa, que leccionaríamos a turma da Professora Inês de Ornellas, reunimo-nos com esta e com o Professor Manuel Rodrigues, coordenador do estágio de Latim, para planearmos em que moldes se iria realizar este estágio tão peculiar. Ficou acordado que acompanharíamos a turma, tão breve quanto possível e, ainda no primeiro semestre, cada uma de nós daria metade de uma aula, uma estratégia para nos ambientarmos à turma da faculdade. As aulas decorreriam às 8h da manhã, terças e quintas-feiras. Devido à incompatibilidade horária, resultado do estágio de Português, acompanhei a turma sobretudo às quintas-feiras, embora também estivesse presente em algumas terças-feiras, pedindo dispensa à orientadora de Português. Nesta reunião foi-nos apresentado o programa, e acordado que teríamos uns dias para decidir o que cada uma iria dar. Foi também estipulado que teríamos de enviar previamente a planificação e os materiais, de forma a não haver lapsos.

O acompanhamento da turma iniciou-se no mês de Novembro, e no dia 4 de Dezembro dei início à minha P.E.S de Latim. O tema que abordei, e seguindo o

programa da Professora orientadora, foi *O Latim e as Línguas Itálicas*. As restantes aulas leccionadas por mim realizaram-se no segundo semestre, e abordei: o valor temporal da conjunção *Ut* com o Modo Indicativo, os Advérbios de Tempo e os Adjectivos da segunda classe. Ficámos encarregues, ainda, de dar uma aula de revisões aos alunos e a frequência, pois a Professora teve de ausentar-se em trabalho.

III.2. Reuniões ao longo da P.E.S

Nas reuniões, regra geral, estavam presentes todas as estagiárias. Estas aconteciam semanalmente, após a aula. Nelas eram feitas reflexões sobre as aulas assistidas e dadas, o que tinha sido mais ou menos frutífero, eram dadas sugestões e métodos de trabalho e falava-se da matéria e temas a abordar nas aulas que iriam leccionar. Qualquer dúvida que surgisse entretanto, poderia ser tratada por email, pois havia sempre muita disponibilidade por parte da Professora orientadora. As planificações e materiais eram também enviados por email, seguindo-se posteriormente o *feedback* e alterações, no caso de serem necessárias.

III.3. Materiais e Estratégias de Trabalho

Na primeira aula que leccionei, estava um bocado nervosa (motivo que embaraçou o meu desempenho), não só por se tratar de alunos da faculdade, mas também porque era uma matéria que, até então, não dominava e não tinha aprofundado enquanto aluna da faculdade. Decidi recorrer ao *powerpoint*, mostrando imagens e mapas, da Península Itálica da época, para ser mais fácil o entendimento dos alunos. À medida que ia explicando, solicitava a sua participação, quer fazendo algumas perguntas que os fizessem pensar, quer pedindo que lessem (podendo assim trabalhar a competência da leitura). Confesso que esta primeira interacção era o que me preocupava. Tinha receio que os alunos não colaborassem; no entanto, isso não aconteceu. No final, e de forma a sistematizar a matéria, fiz um exercício em que os alunos teriam de relacionar as diferentes cores de um mapa associando-a à língua correspondente. Penso que esta estratégia foi positiva, porquanto os alunos estiveram com atenção e alguns até participaram mesmo sem terem sido solicitados.

Relativamente à segunda aula, o nervosismo não foi dominante e já me senti mais segura. Recorri novamente ao *powerpoint*, mas desta vez com provérbios e frases muito simples para exemplificar a matéria que estava a ser leccionada. Os alunos leram as frases e tentei que eles traduzissem, quase intuitivamente, as mais fáceis e parecidas com o Português, sublinhando a importância e influência do Latim na nossa língua. Utilizei imagens animadas, de forma a tornar este recurso mais apelativo. Sendo o Latim uma disciplina metódica, depois de explicada a matéria recorri a exercícios para treinar os conteúdos trabalhados na aula. Desta vez, decidi fazer exercícios diferentes, nomeadamente palavras cruzadas, pois pensei que seria uma maneira diferente de despertar o interesse dos alunos. Todos participaram (quando solicitados e voluntariamente), tendo sido o *feedback* e a relação com eles, do meu ponto de vista, positiva.

Na terceira aula senti-me completamente à vontade, fruto de alguma experiência que acarretava até então. Depois de explicada a matéria, ilustrada no *powerpoint*, recorri a exercícios de consolidação da matéria (cf. Anexo 19). Tive oportunidade de ir às mesas falar com os alunos, tirar dúvidas, oferecendo o apoio necessário. No final, foi feita a correcção conjunta no quadro, beneficiando, assim, toda a turma.

A aula de revisões foi dada pelas 4 estagiárias. A Professora Inês de Ornellas informou-nos previamente sobre o que teríamos de dar, e deixou tudo preparado connosco antes da sua ausência. A aula seria iniciada pela correcção do trabalho de casa, em conjunto no quadro e cada uma de nós ficou encarregue de corrigir um grupo. Seguidamente, os alunos fariam uma ficha de revisões, com a mesma estrutura da frequência e seguimos o mesmo método. Foi uma aula marcada pela cooperação entre as estagiárias, pois tivemos de nos organizar de modo a que ela fosse coerente. Uma experiência interessante, dividir a frente da sala com alguém com quem estamos habituados a sentar-nos nas aulas e a partilhar algumas inseguranças.

III 4. Reflexão sobre as aulas dadas

Quando soube que o estágio de Latim iria realizar-se na faculdade, não posso negar que fiquei um pouco apreensiva. Tratava-se de dar aulas a alunos de faculdade, alguns mais velhos do que eu, o que, certamente, não seria igual a dar aulas ao secundário. Hoje posso agradecer às pessoas que fizeram com que este estágio fosse

possível, nomeadamente às Professoras Maria Graciete Silva, Inês de Ornellas e Castro, e ao Professor Manuel Rodrigues. Ter esta experiência, quase inédita, é algo que, infelizmente, nem todos os meus colegas puderam ter. Olhando agora para trás, penso que amadureci, tanto profissional como pessoalmente. A turma da faculdade, embora me inibisse de início, pouco a pouco revelou-se uma aliada e pudemos estabelecer uma boa relação pedagógica. O facto de termos idades tão próximas não se revelou um obstáculo; antes pelo contrário, tivemos a oportunidade de partilhar e comentar algumas circunstâncias de maneira diferente. À medida que nos conhecíamos, estabelecia-se uma relação de maior cumplicidade e cooperação.

III 5. Reflexão sobre as aulas assistidas

As aulas da Professora Inês Ornellas são muito características. Tudo se faz “alegremente” e reina a boa disposição.

A Professora, assim que soube que o nosso estágio seria realizado na faculdade, informou os alunos que as aulas seriam também dadas por outras docentes, o que perfazia um total de cinco. Era o primeiro ano de Latim dos alunos, por isso ainda não sabíamos o que esperar em termos de notas, empenho e dedicação; só com o passar do tempo é que fomos conhecendo a turma. Nas aulas a que assisti, antes de iniciar a minha prática, pude constatar que já existia um bom ambiente na sala de aula e os alunos tinham uma boa relação com a Professora. Sendo a turma um bocado agitada, a docente em vez de estar constantemente a chamar a atenção, recorre ao humor. É bastante interessante, pois é uma maneira de cativar os alunos e, ao mesmo tempo, criar um ambiente mais descontraído, sobretudo às 8h da manhã.

Essas aulas serviram, também, para aprender, *pari passu*, a trabalhar com uma turma de Latim, a nível de faculdade. A Professora é muito metódica, recorrendo muitas vezes a fichas e trabalhos de casa e não prescinde da colaboração dos alunos.

Tive oportunidade, ainda, de assistir às aulas de todas as minhas colegas, o que me permitiu aumentar o meu conhecimento relativamente a estratégias utilizadas e receptibilidade por parte dos alunos, de modo a poder melhorar.

A oportunidade de aprender a actividade com a Doutora Inês de Ornellas e Castro é, incontestavelmente, muito enriquecedora. Graças à observação das suas aulas, apreendi a forma efectiva de trabalhar e lidar com os alunos, tentando transformar essa observação num instrumento imprescindível de auto-regulação da prática pedagógica.

III 6. A avaliação

A partir do momento em que começámos a acompanhar a turma, começámos, também, a fazer parte da sua avaliação. Não elaborámos frequências, o que ficava a cargo da professora orientadora, mas participávamos na sua cotação e correcção, discutidas nas reuniões que tínhamos. Sendo assim, dividíamos as frequências, para todas termos oportunidade de corrigir, pois se cada uma de nós levasse as frequências de todos os alunos para casa, o tempo de entrega seria muito longo, o que poderia desmotivá-los. Ficou combinado que teríamos cerca de uma semana para as corrigir e sugerir uma nota, que depois seria confirmada pela Professora.

No final do semestre reunimo-nos para falar da avaliação final. Já todas conhecíamos a turma e o seu desempenho. A avaliação foi contínua e baseada em critérios como: nota das frequências, trabalhos de casa, empenho na sala de aula, assiduidade e participação, espontânea e solicitada.

III 7. Actividades desenvolvidas

III 7.1. Poema da Semana

Com o objectivo de os estudantes de Latim terem oportunidade de aprender para além das aulas e instigar a sua curiosidade, eu e as minhas colegas desenvolvemos uma actividade à qual chamámos “ O Poema da Semana”. Tal como o nome indica, semanalmente os alunos recebiam na sua caixa de correio electrónica um poema de autor latino, em versão bilingue (cf. Anexo 20). Visto tratar-se de um nível elementar, e nas aulas trabalharmos apenas com textos adaptados e máximas latinas, os alunos poderiam, desta maneira, ter contacto com o texto original. Teriam também oportunidade de aumentar conhecimentos sobre a literatura latina, ambientar-se uma vez mais com as estruturas frásicas e aprender cumulativamente a cultura latina.

Capítulo IV-A Paleta de Cores

IV 1. Critérios para a constituição de turmas

Segundo o número 5.1 do Anexo I do Despacho n.º 13170/2009,⁶ na constituição de turmas “devem prevalecer critérios de natureza pedagógica definidos no projecto educativo da escola, competindo ao director aplicá-los no quadro de uma eficaz gestão e rentabilização de recursos humanos e materiais existentes”. Assim sendo, o PEE da ESCCB define que as turmas do 7º ano devem se constituídas por alunos do mesmo nível etário, sendo respeitado o princípio da heterogeneidade académica, social e cultural dos alunos. Em situação de retenção, serão apreciadas recomendações dos directores ou conselhos de turma presentes nas actas do final do 3º período.

Relativamente às turmas do 9º ano, privilegia-se a continuidade do grupo-turma. Em caso de retenção, os alunos são distribuídos de acordo com as vagas existentes em cada turma, sendo igualmente ponderadas as indicações dos conselhos e directores de turma.

No que concerne ao 10º ano, os critérios respeitam a continuidade do grupo-turma, o nível etário e também a heterogeneidade académica, social e cultural dos alunos. Em caso de retenção, os critérios utilizados são os mesmos que foram referidos anteriormente.

Como se pode constatar, a ESCCB está consciente das sucessivas transformações sociais, da diversidade de contextos culturais e revela-se apta para as exigências de uma população heterogénea.

IV 2. Turmas de Português

IV 2.1. 7º A

A turma que ficou ao meu encargo (por sorteio com a minha colega de estágio) para leccionar a maioria das minhas aulas foi o 7º A.

⁶ Disponível em https://www.portaldasescolas.pt/imageserver/plumtree/portal/matnet/dre_a.pdf, acedido em 20-07-2011.

Esta turma era constituída por vinte e quatro alunos, quinze raparigas e nove rapazes, entre os 11 e os 16 anos, mostrando desde logo uma grande heterogeneidade em termos de idade e, conseqüentemente, prestação e ritmo de trabalho. Havia alguns alunos mais irrequietos e conversadores, especialmente três (sendo que um deles foi diagnosticado com necessidades educativas especiais (NEE), por ser hiperactivo) que eram sistematicamente apontados pelos restantes professores como perturbadores. No entanto, existia também um grupo de alunos que revelou bastante interesse e um comportamento exemplar.

A turma era ainda formada por quatro repetentes, tendo um deles desistido no fim do primeiro período. Fazia parte, ainda, um aluno oriundo do Brasil, que devido a problemas relacionados com o álcool e as drogas, aliados à falta de empenho, deixou de comparecer às aulas. Ao longo do ano lectivo, a turma recebeu mais dois alunos, transferidos de outra escola: um no final do segundo período e outro no terceiro período. Treze dos alunos já se conheciam, na medida em que transitaram em bloco da Escola Preparatória Vieira da Silva, também em Carnaxide.

Esta turma revela gostos e formas de ocupar os seus tempos livres bastante variados, que vão desde o desporto, à leitura, ouvir música, ver filmes, passando por navegar na internet, passear, brincar e há ainda três alunos que frequentam os escuteiros. Regra geral, preferem cinema a teatro.

Estudam entre 20 minutos a 2 horas diárias em casa, alguns sozinhos, outros com a ajuda dos pais, exceptuam-se dois alunos que frequentam um centro de explicações. Relativamente às disciplinas favoritas, dividem-se sobretudo entre Educação Física e Inglês, havendo alguns que apontam ainda Ciências da Natureza e Língua Portuguesa. Nove alunos elegeram a Matemática como sendo a disciplina mais difícil e seis elegeram História.

Pensando relativamente ao seu futuro, cinco alunos não têm intenção de ingressar no ensino superior (facto que se revela prematuro, tendo em conta o ano que frequentam).

IV 2.2. 9º A

O 9º A, turma onde a minha colega de estágio leccionou e que eu pude acompanhar, já estava junto desde o ano transacto. Por isso, não era totalmente desconhecida à minha orientadora, que os acompanhava desde essa altura. Esta turma constituía-se por vinte e cinco alunos, quinze do sexo feminino e dez do sexo masculino, entre os 13 os 15 anos, sendo três deles repetentes. O nível de comportamento era, na globalidade, bom. Contudo, devido a agitação por parte de alguns alunos havia a sensação de se estar perante duas turmas diferentes: um grupo de alunos com grande interesse, que trabalhava com vista a alcançar as metas individuais e outros mais distraídos.

Os Encarregados de Educação desta turma acompanham de modo efectivo os seus educandos, mostrando um enorme interesse na sua prestação e rendimento escolar, com vista a atingirem os fins desejados. Grande parte dos alunos pertence, *grosso modo*, à classe média.

No que toca à ocupação dos tempos livres, não varia muito do que a maioria dos jovens desta idade faz: ler, ver televisão, ouvir música, sair com os amigos, jogar computador, etc. O tempo dedicado ao estudo varia entre os 30 minutos e as 2 horas diárias. Exceptuando dois alunos, todos os outros estudam sozinhos. Onze alunos apontam a disciplina de Educação Física como predilecta e os restantes dividem-se entre as disciplinas de Ciências da Natureza e de Inglês. Quanto às expectativas para o futuro, apenas dois não têm o Ensino Superior no horizonte.

A turma sobressai pelo potencial da maioria, que se reflecte no empenho, desempenho e motivação.

IV 2.3. 10º E - Turma Profissional de Informática

A turma do 10ºE era constituída por vinte e três alunos, sendo vinte e um do sexo masculino e apenas dois do sexo feminino, o que a torna muito característica. Dentro destes elementos, onde alguns já tinham sido alunos da professora orientadora, cinco deles são repetentes. As idades estão compreendidas entre os 17 e os 20 anos. Um dos alunos, o Leonardo, que no início do ano lectivo se mostrou muito desinteressado e pouco empenhado, abandonou ainda no primeiro período a escola, tendo ido para a tropa. Regressou no terceiro período, revelando uma postura

completamente diferente: muito participativo, empenhado e concentrado. Parecia uma pessoa diferente e decidido a triunfar. Por oposição a esta postura, dois alunos, entretanto, deixaram de comparecer às aulas. O comportamento era, na globalidade, bom e o aproveitamento médio.

A turma revelava ser pouco unida, talvez por serem mais velhos e, conseqüentemente, mais independentes e com personalidades vincadas e formadas. Embora tivesse muitos alunos participativos, outros revelavam alguma timidez, facto que se tentou ultrapassar ao longo do ano lectivo, de forma a progredirem com sucesso.

Relativamente à forma de ocupação dos tempos livres, varia entre a prática de desporto, jogos de computador, navegar na internet, ir ao cinema e passear. Questionados sobre o seu futuro académico, alguns referiram querer seguir os estudos e frequentar a faculdade, enquanto outros pretendem ingressar no mercado de trabalho.

IV 2.4. Turma de Latim

As salas de aula das universidades já não acolhem somente um certo tipo de estudantes. Hoje, elas incorporam também uma paleta variada de alunos, com características bastante diferenciadas, formando turmas bastante heterogéneas.

A turma de Latim que tive oportunidade de acompanhar era formada por alunos entre os dezoito e os trinta e dois anos cujo rendimento escolar é muito pouco homogéneo. Existem alunos bastante interessados e que dedicam algumas horas diárias ao estudo desta disciplina (nomeadamente 20% dos alunos) resultados visíveis pelas suas notas (cinco alunos revelam notas iguais ou superiores a quinze valores, num universo de vinte e quatro); no entanto, há outros menos estudiosos (no que confere ao Latim) o que talvez explique que a maioria das notas sejam entre dez e treze valores. Agrava-se, ainda, o facto de alguns alunos terem desistido da cadeira, mesmo sendo obrigatória. Quando questionados, (cf. Anexo 24) quase todos os alunos concordam que o Latim enriquece a sua identidade cultural, 90%, mas só 40% afirmou escolher esta disciplina como opção livre, se não fosse obrigatória. Contudo a turma

revela-se dividida quando a ajuda do Latim no seu futuro, 50% pensa que esta disciplina será útil futuramente e 50% tem a opinião contrária.

Também em relação ao comportamento se observa uma heterogeneidade acentuada: há um leque de alunos, e que por norma se senta sempre à frente da Professora, que é bastante participativo, enquanto outros revelam pouco interesse e participação.

No entanto, não será de mais salientar que todos os alunos são bastante simpáticos e educados (não fossem eles alunos universitários) e revelaram-se um importante alicerce para o desenvolvimento deste estágio, pois a sua participação e colaboração revelou-se imprescindível.

IV 3. Homogeneidade VS Heterogeneidade

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, podemos entender homogeneidade como *qualidade, característica, propriedade do que é homogéneo*, ou seja, o que possui a mesma natureza, que apresenta semelhança, uniformidade. Por contraste, heterogeneidade, segundo o mesmo dicionário, pode ser traduzido do seguinte modo: *qualidade do que é heterogéneo*, sendo que heterogéneo é o que possui uma natureza diferente, que não é uniforme.

As sociedades actuais têm sofrido profundas alterações em termos populacionais, fruto das consecutivas vagas de emigrações ocorrentes em todo o mundo, que conduzem a um multiculturalismo cada vez mais expressivo, e Portugal não é excepção. A par desta situação, a convivência, troca de experiências e valores dos alunos têm-se modificado. Eles diferem muito no que diz respeito à sua cultura, motivação, gostos e personalidades, representando, por isso, culturas diversas. Chegam à escola com diferentes níveis de maturidade e intencionalidade e os seus interesses variam bastante, mesmo ao longo do ano. Consequentemente, a pedagogia tradicional, que se baseia num ensino homogéneo, propondo actividades idênticas a todos os alunos, já há muito tempo que não traz produtividade no que concerne ao processo ensino-aprendizagem. Graças à Modernidade, a educação conhece a Democracia que defende valores como a tolerância, o respeito mútuo, a participação, a livre iniciativa que faz com que o papel do sujeito seja activo na construção do

conhecimento. A sala de aula ganha uma nova concepção e passa de estática a dinâmica. Surge, assim, um ensino diferente, em que cabe ao professor o papel de organizador, estimulador e mediador da aprendizagem. Com esta nova realidade social, a escola reformula o seu papel, de forma a compreender e valorizar a realidade cultural da sua população. Passa, assim, a ser um lugar de encontro e de diálogo entre culturas.

É errado atribuir a responsabilidade do insucesso escolar apenas às crianças socioeconomicamente desfavorecidas. Segundo Cortesão (2007: 4), recentemente começou a pôr-se a hipótese de a escola ter também responsabilidade nesse processo, pois oferece, habitualmente, um único método de ensino, ainda que a população seja heterogénea. Para que haja uma aprendizagem efectiva, é necessário que a acção pedagógica seja adequada a cada fase do desenvolvimento e que respeite as diferenças. O próprio aluno vai inferindo nos conteúdos mediados pelo professor, construindo significados e transformando em conhecimento, pois o papel da escola é também o de apropriação do conhecimento por todos os alunos.

IV 3.1 Pontos fortes e Pontos fracos

“uma boa parte dos professores está afectada de uma dificuldade de se dar conta, de “ver” as cores do arco-iris sócio-cultural presente na sala de aula. Sofre daquilo que [...] se designa por “daltonismo cultural.”

Luíza Cortesão, *O arco-iris da sala de aula*

A heterogeneidade e a diversidade cultural são uma constante nos dias de hoje. Consequentemente, também a população escolar se tem vindo a alterar, havendo turmas cada vez mais diferentes entre si.

Um dos maiores desafios na sala de aula consiste em lidar com uma diversidade de alunos, com graus de heterogeneidade acentuados, características e particularidades próprias, níveis culturais e comportamentais desiguais. No entanto, a heterogeneidade não pode ser reconhecida como um obstáculo, onde cada aluno faz o que quer. Há que haver espaço para a diversidade, beneficiando todos os intervenientes, pois é possível trocar conhecimentos existentes em cada sujeito,

permitindo que cada um colabore com o outro, havendo momentos de trabalho em conjunto, onde todos os alunos contribuem para alcançar um objectivo comum.

Em turmas mais homogéneas (pois não existem turmas totalmente homogéneas) é mais difícil fazer com que os alunos usufruam da riqueza da diferença, da valorização do Outro. A separação dos alunos, visando a homogeneização, com base na avaliação do seu desempenho (alunos bons numas turmas e fracos noutra) impede o contacto entre eles. Estudos realizados a este respeito (Rey, 2005: 21) não apresentaram vantagens; pelo contrário, os alunos considerados fracos nas turmas heterogéneas são estimulados, progredindo mais do que se estivessem numa turma homogénea fraca. Além disso, existe um grande risco de aprofundar as diferenças de desempenho uma vez que os professores encarregues de turmas com um nível mais fraco, inconscientemente, terão tendência a ser menos exigentes relativamente a esses alunos. Consequentemente, os objectivos alcançados não serão os mesmos. O ensino-aprendizagem deve englobar as diferenças que devem ser vistas como riquezas e necessidades individuais, pois essas diferenças apenas fazem com que os alunos aprendam por caminhos diversos. Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, a escola deve “assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas”.

Enquanto a homogeneidade pode ser traduzida como a negação do olhar para a diversidade, a heterogeneidade, embora exija mais trabalho ao professor, proporciona a interacção e a construção partilhada de conhecimento. Todos os intervenientes devem caminhar para um objectivo comum: uma escola que valoriza e respeita as diferenças, uma vez que “é preciso ter presente que cada um pode enriquecer-se com a experiência de todos” (Silva, 1995).

IV 4. O papel do Professor

A heterogeneidade cultural, social e étnica das populações e em particular da população escolar acentua-se no quotidiano da sala de aula. O professor depara-se com uma diversidade de alunos e o ensino baseado em concepções estáticas de modelos apresenta insuficiências. Cada turma funciona isoladamente dentro da

respectiva sala e os docentes devem ser preparados para irem ao encontro dos diferentes mundos e culturas existentes na sala de aula, promovendo o diálogo e preparando todos os alunos para ao conhecimento uns dos outros. É imperativo que a escola adopte novas estratégias, para que os alunos não tendam a perder a sua importante riqueza cultural e específica. Face à heterogeneidade, o professor tem de criar meios de incentivar os alunos, respeitando as suas diferenças e ritmos. O olhar do professor tem de ser cada vez mais atento e crítico de forma a poder fundamentar-se em bases consistentes e justas ao desempenho de todos os alunos e saber como organizar o processo de ensino-aprendizagem, para que estes realizem aprendizagens de qualidade.

Professores e alunos não se encontram em igualdade de circunstâncias no que concerne ao conhecimento. Esta relação díspar não justifica a dominação ou humilhação, por parte do professor, uma vez que este deve servir como uma referência, um líder. Segundo Bass et al (*apud* Neves, Marina José das, 2009: 8), a liderança é um processo de influência capaz de dinamizar um grupo a agir em determinado sentido, ou com determinados objectivos. O professor é, por isso, aquele que coordena o grupo, tendo um papel fundamental nas orientações necessárias para a realização de qualquer actividade. Ele faz com que os alunos se interessem pelas aulas, participem e obtenham bons resultados escolares. Muitas vezes os professores são os únicos a assumir este papel, incutindo o respeito pelas opiniões contrárias, maneiras de estar e comportamento, regras e fidelidade às decisões tomadas, todos os procedimentos devem ser transparentes. O seu papel é ensinar e negociar aquilo que for susceptível de ser negociável sem comprometer os seus próprios direitos e objectivos. É função deste líder diminuir a taxa de insucesso, proporcionando e diversificando as estratégias de ensino-aprendizagem, de acordo com a população da sua sala de aula.

IV 5. Estratégias

Segundo Bernard Rey a turma é “o agrupamento estável de alunos que é suposto possuírem o mesmo nível de conhecimentos e aproximadamente a mesma idade, o que permite que se submetam a um mesmo ensino” (Rey, 2005: 19). No

entanto, ainda que turma contenha alunos escolarmente semelhantes, existem muitas diferenças entre eles, facto que vários pedagogos constataram no início do século XX.

Por consequência, surge a necessidade de se aplicarem métodos pedagógicos variados que tenham em consideração as particularidades de cada um. Sendo a sala de aula um espaço das diferenças, as estratégias têm, também, de ser diferenciadas e adaptadas. É pouco provável ensinar a mesma coisa, no mesmo momento e aplicando os mesmos métodos a alunos diferentes, por isso, uma das formas de lidar com a heterogeneidade é a utilização de tarefas diferenciadas na sala de aula.

Dependendo das características de cada turma, o professor pode praticar um ensino diferenciado, certas práticas e contratos pedagógicos, organizando a sala de aula de acordo com actividades eficazes, sempre consciente que nenhuma prática é suficientemente boa a não ser que funcione a nível individual. Trata-se, pois, de diferenciar as actividades, os métodos e os percursos dos alunos, garantindo o mesmo nível de aprendizagem para todos.

Numa sala de aula onde se pratique o ensino diferenciado, existem formas distintas de apreender os conteúdos, entender e processar ideias diferentes e encontrar soluções para que cada aluno possa ter uma aprendizagem eficaz. Os pontos em comum devem ser reconhecidos e desenvolvidos, tornando-se as diferenças elementos importantes do processo do ensino e da aprendizagem. Cabe ao professor gerir e acompanhar várias actividades em simultâneo assim como incutir regras de comportamento e “orientar a sequência de eventos em cada experiência de aprendizagem” (Tomlinson, 2008: 14).

O ensino diferenciado centra-se no aluno, na medida em que este aprende à medida que vai fazendo, sendo o cerne de todas as actividades. Ao possibilitar aos alunos pensarem, em vez de fornecer a resposta, favorece a sua autonomia intelectual, preparando-o como cidadão profissional, sabendo como actuar de forma crítica e competente. Através desta estratégia, também utilizada pela minha orientadora, e depois por mim, é possível o desenvolvimento das competências essenciais, principalmente a competência da escrita e da leitura. Para que isso fosse possível foram criadas durante a minha P.E.S. várias actividades, algumas já referidas

como a criação e troca de contos, leitura de poemas e lendas (actividade realizada no âmbito da comemoração do dia de São Valentim) etc.

Outra estratégia utilizada por nós foi trabalhar através dos conhecimentos prévios dos alunos, pois é através das suas experiências que poderá ficar mais próximo dos conhecimentos científicos, fazendo comparações, estabelecendo pontes. O professor deve valorizar e reconhecer que todos os alunos sabem alguma coisa e que têm saberes diferentes uns dos outros. É despertar nos alunos atitudes de investigação.

A falta de sintonia, mais ou menos acentuada, é uma realidade em turmas heterogéneas. Nem todos os alunos terminam as tarefas ao mesmo tempo. Uma das estratégias do professor nesses casos poderá ser criar actividades específicas para os alunos que terminam mais cedo, mantendo um ambiente mais produtivo. Algumas opções podem ser: actividades de leitura, exercícios, adiantamento dos trabalhos de casa, etc, conforme o caso de cada aluno.

É normal haver mais barulho quando os alunos estão activos na sala de aula. O professor pode utilizar um sinal para lembrar aos alunos que devem trabalhar com o mínimo de barulho possível, como por exemplo, apagar e acender a luz. Cada membro do grupo pode ter a função de controlar o nível de barulho dos seus colegas.

Segundo Tomlinson (2008: 37), os docentes que se adaptam de forma confortável e competente ao ensino diferenciado, desenvolvem inevitavelmente capacidades que lhes permitem: ver e reflectir sobre os indivíduos assim como sobre o grupo, dar voz aos alunos, pensar e usar o tempo de forma flexível, conseguir uma série diversificada de materiais, pensar em várias formas de atingir objectivos comuns, diagnosticar as necessidades dos alunos e desenvolver experiências educativas em resposta a diagnósticos, antecipar o que pode correr mal numa actividade ou tarefa e estruturar o trabalho do aluno de forma a evitar potenciais problemas, partilhar a responsabilidade do ensino com os alunos, fazer com que os alunos experimentem diferentes esquemas de trabalho a fim de os poder ver através de diferentes prismas e ajudá-los a conseguirem o mesmo, acompanhar a aproximação e progresso dos alunos em relação a metas pessoais e de grupo, organizar materiais e espaço e ensinar para o sucesso.

Todavia, a pedagogia diferenciada apresenta uma dificuldade central: a de aumentar as diferenças, uma vez que esta defende actividades diferenciadas de acordo com os alunos. É imperativo que se considere os mesmos objectivos de aprendizagem para todos, mesmo diferenciando os percursos em função das diferenças. Por isso, os professores devem ter uma ideia muito precisa dos tipos de diferenças entre os alunos que é preciso ter em atenção.

IV 6. Constituição de grupos de trabalho

Os trabalhos de grupo promovem a comunicação entre os alunos e proporcionam a aprendizagem num ambiente de constante troca de experiências em que ocorre uma aprendizagem significativa partindo dos conhecimentos prévios, isto é, da experiência que cada um traz do quotidiano. Além disso, o trabalho de grupo facilita o movimento do professor em sala de aula.

Para que os trabalhos de grupo tenham sucesso deve existir a formação flexível dos grupos de trabalho. No entanto, o professor também deve encaminhar, quando necessário, alunos para certos grupos cujas tarefas estejam de acordo com as suas necessidades. Noutros casos, é mais construtivo que sejam os próprios alunos a formar os seus grupos de trabalho. O professor deve observar a funcionalidade de cada grupo e tentar apreender as características dos grupos funcionais e disfuncionais, sabendo assim como agir numa próxima actividade de grupo.

O uso de estratégias variadas de divisão de grupos possibilita a correspondência entre os alunos e as tarefas desenvolvidas permitem ao professor observá-los e avaliá-los em diferentes situações de grupos e tarefas.

Segundo Sandra Rief e Julie Heimburge (2000: 242), para que a equipa funcione com sucesso, todos os seus elementos devem respeitar os seguintes princípios:

- O trabalho de equipa irá tornar o seu processo de ensino mais eficaz;
- O trabalho de equipa irá promover o crescimento individual e o desenvolvimento dos alunos;

- O trabalho de equipa irá responder melhor às necessidades tanto dos alunos como dos professores.

Os membros da equipa devem ter uma boa capacidade de comunicação, espírito de equipa, caracterizado pelo apoio e pela partilha, flexibilidade e respeito pelas opiniões dos outros membros. Assim, será possível a aproximação dos alunos com diferentes níveis de preparação, de maneira a que a aprendizagem seja significativa para todos.

No entanto, poderá haver alunos que não consigam ser bem sucedidos nestas tarefas, mesmo com a ajuda do grupo. O professor deve apresentar uma estratégia de trabalho diferente, de modo a que o aluno alcance, também, os mesmos objectivos.

Constatei que estes momentos proporcionavam um ambiente menos rígido e saudável para todos os envolvidos. A investigação, entreajuda, e a troca de opiniões estimulam a autonomia e tomadas de decisões por parte dos alunos, o que favorece o exercícios da cidadania.

IV 7. A importância atribuída pelos alunos e professores à relevância do grupo turma na aprendizagem: questionários.

Para compreender o ponto de vista dos alunos e dos professores relativamente à influência do grupo turma na aprendizagem, decidi basear-me num inquérito desenvolvido por Carol Tomlinson, adaptando-o ao meu contexto de trabalho. O inquérito preenchido pelos alunos da ESCCB, 7º, 9º e 10º anos e pelos professores da mesma escola. Para poder fazer uma comparação dos resultados, apliquei os mesmos questionários aos alunos no 7º e 9º anos da Escola Básica Sophia de Melo Breyner (ESBMB), uma escola TEIP (território especial de intervenção prioritária), também em Carnaxide, e aos seus docentes.

O questionário feito aos alunos (cf. Anexo 21) constituía-se por três partes: na primeira pretendia-se saber os hábitos de estudo dos alunos em casa; na segunda, compreender o nível de interesse e perfil de aprendizagem dos alunos e na terceira a posição dos alunos quanto à sua turma.

Apesar de escolas diferenciadas, a maioria das respostas foi coincidente (cf. Anexo 22). As diferenças mais acentuadas nas turmas de 7º ano revelam-se na pergunta número 16: enquanto na ESCCB apenas 28,6% dos alunos prefere ter um curto espaço de tempo para trabalhar numa tarefa, na EBSMB, o número de alunos é mais de metade da turma, 77%; na pergunta número 25: 81% dos alunos da ESCCB revela que mesmo que estivesse noutra turma, não melhoraria o seu desempenho. No caso da EBSMB existe um empate.

Quanto à influência da turma na aprendizagem, 40% dos alunos da EBSMB revela que a turma influencia positivamente a sua aprendizagem enquanto que na ESCCB apenas 14,3% concorda. Este facto poderá dever-se à turma da EBSMB ser mais unida.

No que diz respeito às turmas do 9º ano as diferenças acentuaram-se nas perguntas número 24 e 26 (cf. Anexo 23). Na ESCCB 40% dos alunos concorda que a sua turma tem um número elevado de alunos, já na EBSMB, apenas 5% dos alunos refere esse facto. Quanto à eventualidade de manter os mesmos elementos na turma, caso fossem eles a constituí-la, na ESCCB 80% dos alunos refere que mudaria os elementos da turma. Este resultado pode dever-se ao facto de estes alunos serem muito competitivos. A EBSMB, mais uma vez, revela um empate. Quanto ao 10º ano da ESCCB, a maior parte dos alunos, 68,4% revela que a turma influencia parcialmente a sua aprendizagem, esta situação pode dever-se à circunstância de serem alunos mais velhos.

Quanto aos alunos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, (cf. Anexo 24) 40% afirma que a turma influencia positivamente a sua aprendizagem. Esta percentagem pode estar relacionada com o facto de muitos alunos estudarem e fazerem os exercícios em conjunto.

O questionário feito aos professores de ambas as instituições de ensino tinha como objectivo analisar a sua posição quanto à constituição e heterogeneidade das turmas (cf. Anexo 25). A maioria das respostas foi idêntica, (cf. Anexo 26) exceptuando no número ideal de alunos por turma: 20% dos professores da ESCCB, concorda que o número ideal de alunos por turma é entre os 20 e os 25. Já os professores da escola TEIP, concordam em unanimidade que o número ideal de alunos por turma é de 15 a 20.

Conclusão

Sendo a escola um espaço de socialização, todos temos de saber conviver com as diferenças que só servem para a melhorar a nossa forma de estar na vida, permitindo-nos conhecer outras culturas e realidades, e compreender melhor o Outro na sua polivalência. Criou-se, assim, uma aparente dificuldade em responder de forma sustentada e positiva a todas as especificidades de cada grupo de riqueza cultural tão distinta. Por isso, os professores podem e devem adaptar estratégias de ensino que englobem situações didáticas bem pensadas e elaboradas, propondo tarefas voltadas à diversidade na sala de aula, para que os alunos possam avançar. No entanto, ele também tem de estar sempre consciente que será necessário ajustá-las, para ter em conta o nível de aprendizagem dos alunos. É preciso questionar os dispositivos e materiais de trabalho, de maneira a que as coisas não sejam feitas porque estavam previstas, mas porque são necessárias e de tal forma que as estratégias sejam revistas em permanência.

Fazendo agora uma reflexão sobre minha P.E.S., considero que foi um ano muito trabalhoso, mas sobretudo um ano muito enriquecedor. A nível profissional, tive a oportunidade de observar as aulas das minhas orientadoras a vários níveis diferentes – sétimo, nono, décimo ano e 1º ano de Faculdade – que me possibilitaram retirar várias aprendizagens que me serão para sempre úteis; a nível pessoal, desfrutei sempre de um ambiente harmonioso, tanto com os professores como nos relacionamentos com os alunos e comunidade escolar. Também o facto de estar num núcleo de estágio com uma colega e amiga facilitou a minha integração e permitiu uma constante troca de opiniões, sugestões e entreaajuda.

A conjugação da prática lectiva com os seminários da Faculdade foi de extrema importância, uma vez que o suporte teórico funcionou como um ponto de partida para a prática, embora nem sempre fosse possível concretizar aquilo que fui aprendendo. A ajuda dos orientadores foi imprescindível para aperfeiçoarem as minhas aulas.

Relativamente às aulas observadas, nomeadamente a das minhas orientadoras e colegas, constituíram-se um ponto fundamental na minha formação, possibilitando-me reflectir e melhorar a minha prática lectiva.

Concluo este relatório com nostalgia e consciente de que muito mais poderia ter sido abordado ou desenvolvido, não estivesse ele cingido ao limite de páginas imposto. Contudo, estou certa de ter transmitido uma ideia geral da minha P.E.S. e das reflexões mais pertinentes que me foram surgindo nesta caminhada. Idealizo ter a oportunidade de ampliar os meus conhecimentos num estudo futuro. Termino com um poema de Miguel Torga:

Recomeça...

Se puderes,
Sem angústia e sem pressa
E os passos que deres
Nesse caminho duro do futuro
Dá-os, em Liberdade
Enquanto não alcances
Não descanses
De nenhum fruto queiras só metade.

Bibliografia

Livros e Capítulos de Livros:

Aguiar & Silva, V. M. (2002). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina

AZEVEDO, F. e L. ÁLVARES (2003). *Como Abordar... a Produção de Textos Escritos no Ensino Básico, 2º e 3º ciclos*. Porto: Areal.

BARREIROS, João Carlos (1997). *A Turma como Grupo e Sistema de Interação – Uma Abordagem Sistémica da Comunicação da Turma*, Porto: Porto editora.

BERNARDES, José Augusto Cardoso (2005). *Como abordar... a literatura no ensino secundário*, Porto: Areal.

CABRAL, Maria Manuela (2002). *Como abordar... o texto poético: ensino básico, ensino secundário*, Porto: Areal.

Cadernos de Organização e Administração Educacional, *A Turma como Unidade de Análise*, nº1, Julho de 2007, Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.

CARDOSO, Carlos (2006). *Os professores em contexto de diversidade*. Porto: Profedições.

Classica. Boletim de Pedagogia e Cultura (1997), nº 22. Lisboa: edições Colibri

CORTESÃO, Luíza (1998). *O arco-íris na sala de aula?: processos de organização de turmas : reflexões críticas*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

CORTESÃO, Luíza (2000). *Ser Professor - um ofício em risco de extinção, reflexão sobre práticas educativas face à diversidade no limiar do séc. XXI*, Porto: Afrontamento.

DÍAZ-AGUADO, María José (2000). *Educação Intercultural e Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Porto Editora, 1ª ed.

HOUAISS, António (2009). *Dicionário electrónico da língua portuguesa*. CD-ROM.

ESTRELA, Albano (1984). *Teoria e prática de observação de classes. Uma estratégia de formação de professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

NEVES, Marina José das, (2009). *A Liderança da Escola e a Autoconfiança dos Professores*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação na Área da Educação, Comunicação e Linguagem. Lisboa.

PERESTRELO, Maria de Fátima de (2001). *Gerir a diversidade no quotidiano da sala de aula*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

PERRENOUD, Phillippe (1978). *Das Diferenças culturais às desigualdades escolares: a avaliação e a norma num ensino diferenciado*, in *Análise Psicológica* nº.1, Vol.II. Lisboa: ISPA.

POSTIC, Marcel (1979). *Observação e formação de professores*. Coimbra: Almedina

POSTIC, Marcel (1984). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora.

REY, Bernard (2005), “Pedagogia diferenciada, saberes e competências”, *Palavras, Associação de Professores de Português*, 28, p. 19

RIEF, Sandra F. e Julie HEIMBURGE (2002). *Como ensinar todos os alunos na sala de aula inclusiva : estratégias prontas a usar, lições e actividades concebidas para ensinar alunos com necessidades de aprendizagem diversas*, Porto: Porto Editora.

SAVATER, Fernando (1997). *O valor de educar*, Lisboa: Presença,

SILVA, Maria do Carmo Vieira da (2008). *Diversidade Cultural na Escola – Encontros e Desencontros*, Lisboa: Edições Colibri.

TOMLINSON, Carol (2008). *Diferenciação pedagógica e diversidade: ensino de alunos em turmas com diferentes níveis de capacidades*, Porto: Porto Editora

UNESCO, *Educação: um tesouro a descobrir*; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, 1998, acessível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000009.pdf>

ZEICHNER, Kenneth M. (1993). Formar os futuros professores para a diversidade cultural. In *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: Educa-Professores, 3,73-112.

https://www.portaldasescolas.pt/imageserver/plumtree/portal/matnet/dre_a.pdf , consultado em 20 de Julho de 2011.